

ALEGORIAS DA MORTE

a arte fúnebre como arte para os vivos

Fátima de Loureiro Lima

eba ESCOLA DE
BELAS ARTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Curso de História da Arte

Alegorias da Morte:
a arte fúnebre como arte para os vivos
Fátima de Loureiro Lima

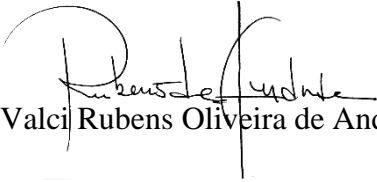
Rio de Janeiro
2022


Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Curso de História da Arte

**Alegorias da Morte:
a arte fúnebre como arte para os vivos**

Fátima de Loureiro Lima

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em História da Arte na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História da Arte.


Orientador: Valci Rubens Oliveira de Andrade

Aprovado por:

Prof. Dr. Christiane Chagas Martins


Profa. Dra. Jackeline de Macedo Larica

Dedico este trabalho a minha filha Beatriz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha filha Beatriz pelo incentivo e apoio nesta caminhada acadêmica. Agradeço ao meu sobrinho Leandro e minhas primas Inês e Lúcia por acreditarem em meu sucesso. Aos meus colegas de turma, pelo carinho e os bons momentos que passamos juntos durante a jornada acadêmica. E agradeço também aos professores que compartilharam seus conhecimentos, e, em especial, ao meu orientador Rubens de Andrade.

RESUMO

O fundamento deste trabalho é refletir sobre as representações da morte no ambiente urbano. Para tanto, o objetivo da pesquisa é analisar as várias formas de manifestações da estética fúnebre na paisagem. Será estudada a arte fúnebre a partir da arquitetura cemiterial e tumular, das esculturas e dos artefatos utilizados em funerais, assim como, pela *performatividade* observada nas cerimônias religiosas no momento do sepultamento. Tais aspectos evidenciam o foco das análises que serão estabelecidas à luz da História da arte, tendo ainda como retaguarda teórica autores e obras voltados aos estudos da finitude da vida humana. A premissa desta proposta deve também considerar aspectos da arte fúnebre, que potencializam a criação de ambientes e ambiências que, além de ratificar os símbolos e signos da morte, apontam para o estabelecimento de pactos socioculturais que concretizam a necessidade do ser humano em preservar as memórias. Memórias daqueles que não estão entre nós, seja oferecendo projeções para uma vida *pós-morte*, como também, marcos sócio espaciais para se contar a história da cidade e revelar as múltiplas camadas que compõe a paisagem.

Palavras-chaves: morte espaços fúnebres, arte fúnebre, memória.

ABSTRACT

The foundation of this work is to reflect on the representations of death in the urban environment. To this end, the objective of the research is to analyze the various forms of manifestations of funeral aesthetics in the landscape. Funeral art will be studied from the cemetery and tomb architecture, sculptures and artifacts used in funerals, as well as the performativity observed in religious ceremonies at the time of burial. Such aspects evidence the focus of the analyzes that will be established in the light of the History of Art, having as theoretical background authors and works focused on the studies of the finitude of human life. The premise of this proposal should also consider aspects of funeral art that enhance the creation of environments and ambiences that, in addition to ratifying the symbols and signs of death, point to the establishment of sociocultural pacts that materialize the human being's need to preserve the memories. Memories of those who died, either offering projections for a post-mortem life, as well as socio-spatial landmarks to tell the city's history and reveal the multiple layers that make up the landscape.

Keywords: death, funeral spaces, funeral art, memory, symbology

Vastos são os labirintos da mente humana, capazes de abrigar as mais diferentes formas de pensamentos e acenar para a humanidade com possibilidades infinitas, diante de um tema que ao ser evitado não se torna desencantado, muito pelo contrário. Leva todos os seres a refletirem e buscarem os sentidos particulares que suas existências e a morte têm para cada um. Trata-se do destino certo, tal qual a luta pela vida. Torna-se a pergunta sem resposta que a arte e a esperança humana vão tentar trazer em suas mais profundas expressões. Pois é onde a Morte se torna bela, na Arte.

(DIAS, 2011)

Lista de figuras

Figura 1	Mosteiro de Santa Maria da Vitória	10
Figura 2	Capela do Fundador	10
Figura 3	Capelas Imperfeitas	10
Figura 4	Sala do Capítulo	10
Figura 5	Interior da Sala do Capítulo	11
Figura 6	Vitral tríptico da Sala do Capítulo	11
Figura 7	Túmulo do soldado desconhecido	13
Figura 8	Túmulo do arquiteto Mateus Fernandes	13
Figura 9	Abóboda estrelada da Capela do Fundador	13
Figura 10	Arca tumular dos fundadores	13
Figura 11	Jacente de D. João I e D. ^a Filipa de Lencastre	14
Figura 12	Detalhe da imagem 11	14
Figura 13	Túmulos de outros membros da linhagem de D. João I	14
Figura 14	Arca tumular de D. Duarte e D. ^a Leonor de Aragão	15
Figura 15	Pórtico de acesso às Capelas Imperfeitas	15

SUMÁRIO

	PRÓLOGO	12
1	NOTAS SOBRE A MORTE E O MORRER E SUAS REPRESENTAÇÕES NA CIDADE.	21
2	MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS E ARTE FÚNEBRE: APROXIMAÇÕES E ALINHAMENTOS CONCEITUAIS A PARTIR DA HISTÓRIA DA ARTE.	28
3	TÚMULOS, SEPULCROS E CAPELAS: NOTAS SOBRE A ARQUITETURA PARA A MORTE.	40
4	CELEBRAÇÃO, REDENÇÃO E PORVIR: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES ARTÍSTICAS E A POIESIS DOS ESPAÇOS DA FINITUDE HUMANA.	51
5	REPRESENTAÇÕES FÚNEBRES NOS LUGARES PARA MORTE E O MORRER NA BAIXADA FLUMINENSE.	62
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	76
7	REFERÊNCIAS.	79

PRÓLOGO

A finitude da vida é a certeza normalmente não desejada, talvez pelo apego aos valores terrenos ou a incerteza do que nos espera após esta passagem. Muitas vezes não satisfaz a natureza humana guardar somente lembranças mentais, imateriais, dos que já passaram pela vida. Daí a necessidade da sociedade em criar simbologias e representações que ofereçam materialidade a essas lembranças. Nessa ordem de valores, a cidade ao longo da sua história constrói espaços, elabora cerimônias e idealiza símbolos fúnebres, que entre outras coisas evocam memórias e imortalizam aqueles que fisicamente já não estão entre nós. Assim, é possível notar a perpetuação de vínculos, o que me faz recordar o alerta do historiador Jean-Claude Schmitt, quando afirma que “Os mortos têm apenas a existência que os vivos imaginam para eles” (SCHMITT, 1999, p. 15).

No interesse de apresentar ao leitor o caminho percorrido e que gerou meu encantamento pela temática da arte fúnebre, farei um breve relato. Diante desse contexto é importante destacar que a minha aproximação do assunto é de longa data, porém, tornou-se mais pulsante a partir de 2017, durante uma visita realizada ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, em Leiria, também conhecido como Mosteiro da Batalha (figura 1). O Monumento construído no estilo Manuelino, uma variação portuguesa do estilo gótico tardio, mostra exuberância decorativa. Os detalhes de sua arquitetura e a imponência da sua escala foram absorvidos pelos meus sentidos, tanto pelo aspecto visual, quanto pelo desejo de conhecer sua história. A atmosfera de religiosidade e, em certo sentido, funerária é envolvente e instiga o observador a conhecer, entender e refletir sobre as manifestações da finitude humana, existentes em seu interior. A experiência se tornou um

combustível potente e motivou meu interesse em explorar a construção, que remonta ao século XIV, mais precisamente ao ano de 1385, refletindo sobre a história e as proposições da construção da mesma.

Através de leituras sobre a construção, ficou claro para meu entendimento que o surgimento do Mosteiro, foi atribuído a uma dádiva divina. Isto porque estava instaurada uma grave crise pela disputa do trono português, vago pela morte do rei D. Fernando em 22 de outubro de 1383. A Espanha cogitava o direito a este reino, o que culminou com a Batalha de Aljubarrota em 14 de agosto de 1385. Neste dia D. João, defensor da soberania do reino português, invocou a proteção da mãe de Cristo, prometendo que se vencesse a batalha e consequentemente confirmasse seu lugar como rei de Portugal, construiria um mosteiro e o dedicaria a Nossa Senhora. Assim, cumprindo o prometido, surgiu o mosteiro (SILVA, 2007, p. 337).

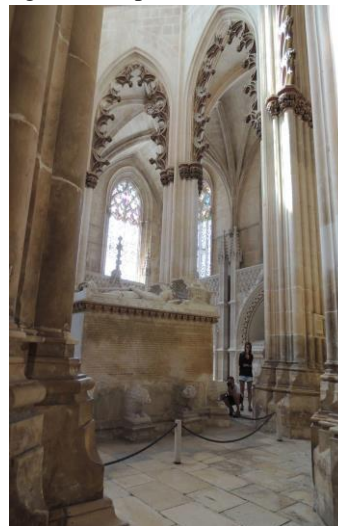
Estava diante de uma estrutura patrimonial que mostrava uma significativa dimensão arquitetônica e artística, com muitas camadas a serem exploradas pelos sentidos e retidas pelo olhar de uma futura historiadora da arte. Embora os ambientes do mosteiro guardassem distintas características artísticas, seja na arquitetura de seus espaços ou na presença de esculturas e pinturas, uma área em particular tinha elementos que diziam mais a um olhar que buscava encontrar naqueles espaços, elementos que dessem conta dos aspectos relativos à finitude da vida. Na jornada de explorar cada metro quadrado do Mosteiro da Batalha, o olhar encantou-se de maneira ímpar em alguns espaços específicos deste monumento fascinante: a Capela do Fundador (Figura 2), as Capelas Imperfeitas (Figura 3) e a Sala do Capítulo (Figura 4), sendo esta última, construída como espaço de oração para os religiosos dominicanos, ordem a qual D. João I concedeu a ocupação do mosteiro desde o início (SILVA & REDOL, 2007, p. 16). Estes espaços retiveram a minha atenção não devido ao fato de historicamente serem espaços onde as religiosidades ganham força e potência de conexão entre o terreno e o celestial, mas devido ao fato de que as mesmas se transmutaram ao longo do tempo e hoje apresenta uma camada que as torna um lugar essencialmente fúnebre.

Figura 1: Mosteiro de Santa Maria da Vitória.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 2: Capela do Fundador.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 3: Capelas imperfeitas.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 4: Entrada para a Casa do Capítulo.



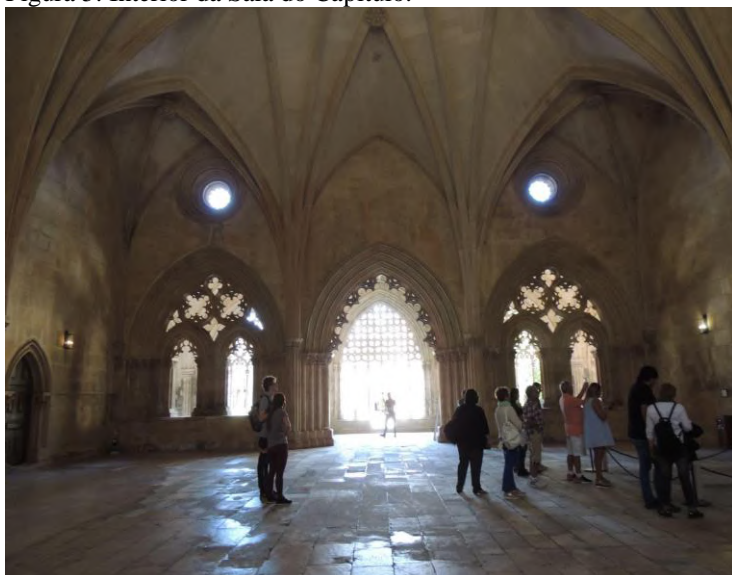
Fonte: Disponível em:
<<https://www.almadeviajante.com/mosteiro-da-batalha/>>.
Acesso em: 06 out. 2021.

Na *Sala do Capítulo* a penumbra formada por duas janelas geminadas favorecem o sentido de solenidade (figura 5). Por outro lado, o colorido dos vitrais, cria uma atmosfera única, que traduz a sensação de tranquilidade e repouso. O espaço possui uma envolvente arquitetura decorativa, que por sua vez, mostra uma série de detalhes cujo teor simbólico incorpora elementos da história da nação portuguesa, ou seja, um movimento que passa pelo território das tradições religiosas como também dos protocolos adotados pelo Estado para homenagear aqueles que deram a sua vida pela nação.

O uso do local diversificou-se com o passar do tempo. Exemplo disso foi o traslado dos restos mortais de dois soldados portugueses, cuja identidade é desconhecida, em 09 de abril de

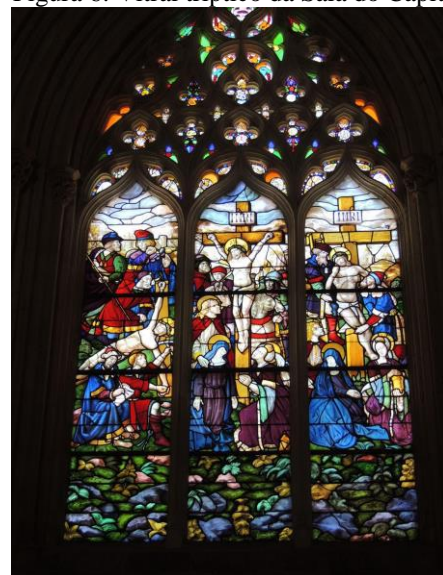
1921, os quais lutaram na 1ª Guerra Mundial. Esse fato demonstra que o sagrado e o laico possuem um trânsito intenso no local. É instigante perceber que mesmo o fato da celebração em homenagem aos soldados mortos estar em uma esfera relacionada ao aparato do Estado, há uma adequação dessa homenagem ao contexto cristão. Isto visto através de um grande crucifixo fixado a parede na cabeceira do túmulo dos homenageados, que reforça a tradição da cristandade através de símbolos que remetem ao porvir. A janela e o vitral datado de 1514 (figura 6), com três momentos da crucificação de Cristo, um grande tríptico destinado à Paixão de Cristo (SILVA & REDOL, 2007, p. 95), reforça o sentido religioso e ajusta-se perfeitamente à temática laica.

Figura 5: Interior da Sala do Capítulo.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 6: Vitral tríptico da Sala do Capítulo.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

O túmulo desta sala, localizado no chão, à direita da porta de entrada, é muito simples em sua construção, porém com significado muito abrangente. Possui uma guarda de honra formada por dois militares e foi emocionante presenciar a troca da guarda no momento da visita. Embora a construção desta sala não tivesse o propósito de ser um espaço fúnebre, hoje visibiliza a tradição mundial de homenagear militares mortos em combate (figura 7). Mostra o reconhecimento pelos que lutaram pela pátria, assim como o rei D. João I lutou. Interessante o contraponto com os demais túmulos, localizados na Capela do Fundador e nas Capelas Imperfeitas, os quais são todos de membros da família real. Fica bastante visível, que as estruturas enaltecem seus idealizadores, construtores e as memórias dos que ocupam estes espaços, tornando-se objetos artísticos e

patrimônios da humanidade. Todo um processo de criação é constatado por nossos sentidos, ao entrarmos em contato com estes objetos, sendo a morte vista como algo admirável.

Curiosamente no interior da sala, vemos a figura de um mestre pedreiro de cócoras, posição adaptada à estrutura de suporte que dá início a abóbada, com vestimentas da época, portando na mão esquerda uma régua que identifica a profissão. Mestre Huguet, responsável pela conclusão do projeto, se fazendo representar é indício da mudança de estatuto social do mestre pedreiro (SILVA & REDOL, 2007, p. 95). É a assinatura do artista na obra. Na entrada da igreja do Mosteiro, já se percebe um túmulo no chão, onde repousam os restos mortais do arquiteto Mateus Fernandes (figura 8). Um marco na história dos mestres de obra do mosteiro, visto que foi o único mestre a ser sepultado dentro da igreja.

Logo ao entrar no Mosteiro, já é visível ao lado direito, a porta de entrada da *Capela do Fundador*. Espaço pensado por D. João I já em fase avançada da fundação do mosteiro, para ser o panteão régio de sua dinastia, acolhendo seu túmulo, de sua mulher Dona Filipa de Lencastre e outros de sua linhagem (SILVA & REDOL, 2007, p.75-77). O aspecto visual da sala é impactante pela sua magnífica decoração construtiva, criando um imaginário sobre o que está se vendo. A beleza e o simbolismo dos rituais praticados nas cerimônias fúnebres, por ocasião da morte dos reis e membros da família real, certamente tiveram grande destaque no mosteiro pelo aparato religioso e afirmação do poder real.

O espaço é de planta quadrangular, transformada ao centro em um octógono (figura 9), onde abriga o túmulo dos fundadores. Embora com destaque para o túmulo de D. João I e Dona Filipa de Lencastre (figura 10), a Capela do Fundador tem um caráter de coletividade, pois nas paredes laterais, encontram-se outros membros da linhagem de D. João I. A grande arca tumular de calcário branco está no centro da sala, abaixo da abóbada estrelada, sobre oito leões e contendo em seus lados maiores, inscrições laudatórias. Seu visual ricamente decorado impacta ao entrar na sala, pela beleza artística e simbolismo ímpar. A Capela do Fundador abriga a primeira caixa tumular dupla portuguesa, pois não se tinha conhecimento de nenhum túmulo conjunto em Portugal, até que D. João I aderiu a essa inovação (SILVA & REDOL, 2007, p. 78).

Figura 7: Túmulo do soldado desconhecido.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 8: Túmulo do arquiteto Mateus Fernandes.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 9: Abóbada estrelada na Capela do Fundador.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 10: Arca tumular dos fundadores.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Era comum na Europa cristã, a partir da Idade Média, o jacente morto sobre sua sepultura. Porém o que é visto aqui por estes maravilhosos jacentes de D. João I e Dona Filipa de Lencastre (figuras 11 e 12) sobre a arca tumular dupla é uma representação inédita em Portugal. Deitados lado a lado, com as cabeças coroadas, repousando sobre almofadas individuais, a condição matrimonial é afirmada através de suas mãos direitas unidas. A vestimenta do rei mostra também seu lado guerreiro, pois é uma armadura completa, adornada com os símbolos régios portugueses e na mão esquerda um bastão de comando. Esta representação de D. João I como chefe militar, retrata a legitimidade da vitória de Aljubarrota. A rainha tem o corpo coberto por um manto e na mão esquerda um livro de orações. Seus rostos são representados com

naturalidade e acima de suas cabeças estão grandes baldaquinos com rica arquitetura, contendo a representação do escudo de armas (SILVA & REDOL, 2007, p. 78).

Figura 11: Jacente de D. João I e D.^a Filipa de Lencastre. Figura 12: Detalhe da imagem 11



Fonte: Foto de António Luís Campos, 2018. Disponível em: <<https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/1744-a-cor-da-capela-do-fundador>>. Acesso em: 15 maio 2022.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Nas paredes laterais da *Capela do Fundador*, estão arcos tumulares de quatro filhos de D. João e Dona Filipa e de outros membros da realeza descendentes de D. Duarte (SILVA & REDOL, 2007, p. 80-83). A beleza da sala transparece na criatividade e esmero de sua arquitetura fúnebre e do trabalho artístico na decoração dos túmulos, daí a certeza de que a vida estará eternizada neste espaço, através destes símbolos fúnebres (figura 13). “A Capela do fundador não só guarda corpos sem vida, mas também confirma a importância simbólica e política, em especial da Dinastia de Avis (1385-1581)” (NASCIMENTO, 2013, p. 251).

Figura 13: Túmulos de outros membros da linhagem de D. João I.

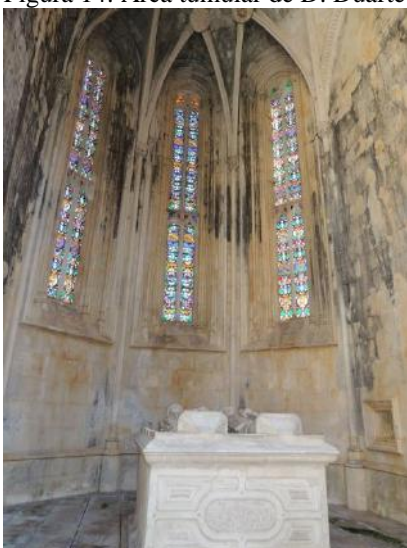


Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Seguindo a ideia de seu pai e antecessor, D. Duarte em uma atitude que demonstra afirmação pessoal e familiar, quis construir um panteão funerário no Mosteiro da Batalha, e por volta de 1434 deu início à obra (SILVA & REDOL, 2007, p. 105). Imitando seu pai, também se fez representar lado a lado de mãos dadas com sua esposa em uma única caixa tumular, porém seu túmulo não retrata a beleza artística vista no de seus pais. O panteão de D. Duarte, conhecido por *Capelas Imperfeitas*, só nas primeiras décadas do século XX, é que acolheu a 1ª arca tumular, a de seu fundador D. Duarte e sua mulher Dona Leonor de Aragão (figura 14). Agora, simbolicamente, um reencontro com a história, pois estava no panteão que sonhara, já que até então os restos mortais de ambos se encontravam na Capela Mor do Mosteiro da Batalha (SILVA & REDOL, 2007, p. 112).

O pórtico de acesso a este local, construído pelo mestre arquiteto Mateus Fernandes, totalmente no estilo Manuelino, é encantador (figura 15). Interessante também é a denominação “Capelas Imperfeitas”, atribuída ao referido espaço, a qual o visitante já associa a cobertura da mesma, que não existe. Curiosamente quem a projetou, o mestre Huguet, faleceu um ano após D. Duarte, com a construção em andamento. E como o projeto elaborado pelo mesmo era desafiador visto o vão a ser coberto, foram feitas várias propostas, porém a decisão final foi deixar descoberto o espaço (SILVA & REDOL, 2007, p. 112). Podendo ser este o motivo para a demora no traslado dos restos mortais, que ali se encontram hoje.

Figura 14: Arca tumular de D. Duarte e D.^a Leonor de Aragão.



Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva, 2017.

Figura 15: Pórtico de acesso às Capelas Imperfeitas.



Fonte: Disponível em:

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nas_Capelas_Imperfeitas,_Mosteiro_da_Batalha_\(16868772148\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nas_Capelas_Imperfeitas,_Mosteiro_da_Batalha_(16868772148).jpg)>. Acesso em: 06 out. 2021.

Os túmulos transmitem mensagens pela arquitetura e simbologia neles contidas. A visita ao mosteiro leva a imaginar as cerimônias fúnebres que ali se realizaram na época dos reis, talvez comparadas a palcos teatrais, ocorrendo uma representação evocativa, fazendo transparecer valores e atitudes, ostentando a dignidade e perpetuando a memória do defunto. O Mosteiro da Batalha absorve duas funções, pois a igreja torna-se também um local de descanso eterno da realeza, a qual se apropria de certas representações, afirmando o poder régio. Através da religião, a vida dos monarcas é celebrada após suas mortes, confirmando a imagem política.

A vida materializada através da composição corpórea, mesmo tendo sua finitude, ainda se faz presente e visível ao olhar, ao abraçarmos representações. A necessidade humana de cultivar a memória, como marca de existência, mostra sentimentos de reconhecimento e engrandecimento pela vida destas pessoas. Esses locais de sepultamentos, entendidos como locais de memórias surgem como caminhos, como elos de uma corrente que liga os vivos aos mortos. Assim sendo, “Os recursos imagéticos, simbólicos e comportamentais são pilares para que as relações se sustentem e se perpetuem” (NASCIMENTO, 2013, p. 253).

1. NOTAS SOBRE A MORTE E O MORRER E SUAS REPRESENTAÇÕES NA CIDADE.

É impactante como a morte, analisada a partir do campo do sensível e das relações firmadas no âmbito metafísico, na sua essência, surge como uma manifestação abstrata que em determinadas instâncias, ganham concretude e podem, ou não, serem traduzidas através de uma beleza estética. Tais esteticidades podem ser reveladas através de formas artísticas, visíveis na arquitetura, na escultura e na pintura ou mesmo através de hábitos tradicionais de distintas culturas, seja em uma coroa de flores ou nas formas como se celebram as cerimônias fúnebres. Todo esse aparato nos remete às práticas ligadas a tudo aquilo que a morte e o morrer representam para a sociedade. Diante de cada um desses movimentos fúnebres é possível perceber como o universo artístico se apropria de formas, cores, símbolos e torna a finitude humana visível por inúmeras manifestações, que de certa forma, oferecem “a vida” aos processos que cingem a ideia da morte e implicam diretamente o ato de morrer. A bruma fúnebre que envolve a morte e os viventes são marcas profundas na existência humana, que exercita o preservar as memórias e celebrar a existência daqueles que findaram a vida.

A partir da hora da fertilização óvulo-gameta, segundo a visão genética, a vida está concebida e estabelecida com seu *status* ético, sua potência simbólica e seus dogmas religiosos. Seja qual for a esfera e a ordem de pensar a vida, desde o momento inicial do existir, considerando essa linha reflexiva, a morte é uma companheira presente, uma realidade constante mesmo que o ser humano recalque a sua existência no seu cotidiano. A morte está inserida em cada gesto, em cada tomada de decisão, e mesmo que involuntariamente, há movimentos para

afastá-la, retardar sua chegada e assim procuramos sempre o viver à vida. Não temos um tempo de vida curto, nós é que não o aproveitamos bem; esbanjamos a vida e só nos resta lamentar (SÊNECA, 2006, p.3).

Considerando a força imagética que está contida e representada na morte e no morrer, é relevante considerar os vínculos e apreensões que surgem em diferentes níveis, relacionados à sua interpretação pela sociedade, seja esta alinhada ao prazer ou ao mal-estar e descontentamento em conviver com imagens que traduzem os estados fúnebres na paisagem. Representações que arquitetos, *designers*, paisagistas, dramaturgos e artistas, entre outros, idealizam para celebrar e tornar inesquecível este acontecimento. Imagens que cada vez mais estão inseridas e naturalizadas na malha urbana no cotidiano, tornando-se parte integrante de nossa paisagem.

A temática fúnebre é uma constante na vida humana e nunca cairá no esquecimento, pois é real, é excitante e faz emergir através de formas visuais, as crenças, sonhos, habilidades, criatividade, dos homens e da sociedade, dando assim visibilidade a algo imaterial, porém real. Neste contexto é possível estudar aquilo que aqui entendo como Arte Fúnebre. Uma produção de cultura material na qual a morte é retratada de inúmeras maneiras, seja de forma sutil ou espetacular, utilizando práticas artísticas milenares ou a partir de processos inovadores, no decorrer da história da humanidade.

Entendo que o tema selecionado para esse trabalho é instigante pelo fato de percorrer vários campos de estudo. Sendo o campo da História da Arte uma área de relevância para o estudo da morte, pois possui amplas aberturas e um valioso material que pode contemplar distintas análises sobre o tema. Vale dizer ainda que a Arte Fúnebre oferece inúmeras possibilidades artísticas para visões peculiares sobre a finitude da vida e mais, fornece ferramentas distintas para se refletir e estudar sobre a temática fúnebre no campo da pintura, da escultura e da arquitetura. O estudo da morte dentro desse contexto é relevante, pois atravessa manifestações artísticas concretizadas nos espaços reflexivos sobre a importância e necessidade de visibilidade formal dos símbolos e objetos que celebram e memorizam vidas que não mais existem. O foco no campo artístico envolve processos relativos às artes visuais e como as mesmas determinam um fator impactante nos lugares fúnebres e para tanto destacarei neste estudo pontos relacionados em particular à arquitetura.

A finitude da vida e suas representações visuais se tornaram o eixo norteador do trabalho já no início do curso, e a motivação final para a escolha do objeto da pesquisa, muito se

deve ao impacto e repercussão visual que vivenciei junto ao monumento funerário visitado em Portugal e apresentado no prólogo. Arquitetura, cujos espaços funerários, foram o disparador na direção dada à pesquisa e ao mesmo tempo delinearão os primeiros passos para as reflexões, que abriram caminho para pensar como a arte e a morte têm relações sensíveis e duradouras ao longo da história das civilizações.

No decorrer deste trabalho refletirei sobre a necessidade de criar representações que ofereçam materialidade aos elementos que formalizam a ideia do post mortem. Ideias que se tornam formas visíveis e refletem o contexto relacionado ao porvir, assim como os locais nos quais a morte ganha espaço e é representada através da arquitetura cemiterial. Ao final da vida todas as coisas não se apagam, porque a morte se mostra presente nas lembranças dos vivos. Locais que muitas vezes concretizam a finitude da vida através de cerimônias fúnebres evocam memórias na tentativa de perpetuar existências.

Diante do território a ser explorado surge inicialmente um primeiro questionamento que diz respeito às características da arquitetura de paisagens fúnebres, sobretudo aquelas que mostram elementos estruturais capazes de estabelecer conexões ou propor traduções que referenciam formalmente o estatuto da morte e do morrer. Nesse sentido, a finitude da vida é um dos aspectos de nossa existência, rico e potente para produção de sentidos e da geração de formas e representações que aguçam nosso olhar. A visualidade se revela de múltiplas formas, seja nos aparatos decorativos que desenham um túmulo, ou na ornamentação paisagística que enche de flores e plantas multicoloridas o dia da celebração do funeral. Caminhando neste sentido a *performatividade* das questões funerárias, prezam pela expressividade formal, que por sua vez, auxiliam a tornar visível a memória dos que partiram e ao mesmo tempo, aguçam o olhar dos que ficaram. Tudo isso está envolto em visualidades que alinham em um determinado tempo e espaço, vida e morte.

No livro *Arquitetura para a morte: a questão Cemiterial e seus reflexos na teoria da arquitetura*, o autor J. M. Simões Ferreira (2009), aborda alguns parâmetros que reforçam como a visualidade da morte tem características que instigam o olhar e definem determinados condicionantes do ambiente. O autor destaca que os “túmulos devem ser observados com naturalidade, despertando sentimentos poéticos” e para tanto devem receber elementos decorativos que evoquem os símbolos ligados à ideia de começo e fim ou ornatos que indiquem o que pode estar no porvir.

Portanto, é possível inicialmente afirmar que ao se desejar perpetuar memórias dos mortos e satisfazer o desejo dos vivos, determinados espaços tornam-se o lugar para construções ou, abrigo de objetos fúnebres criados por artistas visuais e arquitetos para atender uma demanda natural da sociedade. Objetos estes que são obras que manifestam os sentimentos por aqueles que não estão mais entre nós, sejam humanos ou não humanos.

J. M. Simões Ferreira (2009), também reflete sobre as relações firmadas entre sociedade e natureza, e diante destas análises, ele observa alguns pontos relativos às transformações que se dão na natureza, executadas pelo homem. O autor avalia essas transformações, como um ato continuado da obra do Criador, visto que na arte celebrada em espaços fúnebres, o embelezando da paisagem poderia ser também uma forma de agradar aos deuses. É um ato de aproximação com a natureza, pois afinal, o corpo morto com o passar do tempo se tornará parte manifesta da natureza, e na visão do autor, esse cuidar do ambiente onde os mortos habitam, demonstra amor à natureza e torna-se uma maneira de valorizar as emoções despertadas pela forma, através das sensações.

Para além dos aspectos materiais indicados por J. F. Simões Ferreira, Bernard N. Schumacher (2009) em seu livro *Confrontos com a morte: A filosofia contemporânea e a questão da morte* aborda uma nova perspectiva, que indica outros caminhos pelos quais seguirá este trabalho. O autor faz análises que relata “a morte como sendo um fato aguardado, movia um sentimento comum entre os familiares e amigos, os quais participavam com naturalidade do cerimonial fúnebre, preparado geralmente no local onde o defunto viveu e com um cenário propício para a ocasião”. De acordo com a fé professada pela família, o corpo era encomendado e a alma partia esperançosa. Claro que com o desenvolvimento cultural da sociedade, os hábitos sofreram modificações e hoje a morte não parece ser bem vinda. Mas só quem vive o luto, sente o luto, os outros só calculam, especulam (BARTHES, 2011, p. 10). Porém, todo o cenário montado para celebrar a despedida, fica a cargo de terceiros, como médicos, enfermeiros, empresas funerárias e ministros religiosos. O sentimento mais perceptível é de revolta contra a morte, a qual é inerente a nossa existência, não a tendo como uma irmã, como foi vista por São Francisco de Assis. Tais pontos apresentados pelo autor lançam luz para determinados arcos analíticos que serão feitos neste trabalho tendo sempre a arte fúnebre como fio condutor.

No decorrer da história da humanidade, as manifestações fúnebres sofreram mudanças, porém, percebe-se que as imagens continuam exercendo um mágico poder e

proporcionando o desenvolvimento de ritos de separação, muito significativos, como aborda o autor Michel Lauwers (2015) em seu livro *O Nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval*. De acordo com as prerrogativas e tratativas apresentadas por Lauwers (2015) foi possível dimensionar como ainda na atualidade busca-se identificar qual o poder da morte na produção de uma visualidade da arte fúnebre que dê conta de representar lugares ligados diretamente aos ritos de morte. Isso sem ignorar como a persistência da imagem daqueles que partiram e da cultura material que lhes representava, traz à lembrança e se faz presente, ao ganhar as formas fúnebres. É interessante demarcar que Lauwers (2015) afirma que os cemitérios são lugares onde os mortos jazem, mas nem por isso deixa de ser um lugar admirável. Mostra que os mortos não serão esquecidos, e para isto são criados locais e objetos que eternizam a finitude da vida.

A paisagem urbana produz uma arquitetura fúnebre de formas variáveis que podem ser interpretadas sobre diferentes perspectivas. Imagens que nos passam muitas vezes despercebidas, como a cruz no alto de uma torre sineira, remetendo à morte de Cristo, esculturas de mártires espalhadas em praças públicas, locais que rememoram tragédias, enfim, são infinitas as formas visuais que conectam a morte à vida e simultaneamente, a paisagem urbana. Trabalhos artísticos dão formas à finitude da vida, carregam significado, concentram energia e transmitem múltiplas mensagens, através de diferentes leituras das imagens. Logo, diante de tantas possibilidades para ver e ler a morte, é necessário entender a historicidade que está manifestada nessas imagens. Na prática, elas operam como dispositivos que demonstram a arte da representação das últimas coisas, como um elemento a parte no campo da História da Arte, que nos ajuda a dimensionar no tempo e no espaço como cada sociedade trata a memória e a história dos seus mortos.

Os valores sociais e culturais transitam por este campo fúnebre criando imagens e condicionando espaços físicos para celebração da morte através de formas visuais que aguçam nossos sentidos, despertando sentimentos, interligando as celebrações, redenção e porvir, pela materialidade formal dos ambientes e trabalhos artísticos fúnebres. Refletindo sobre o texto de Renata Cristina de Sousa Nascimento (2013), *As exéquias fúnebres do Mosteiro da Batalha*, fica claro como estes fatores se tornam vetores importantes, pois expressam a ideia de continuidade, onde os simbolismos colaboram para que esses espaços sejam perpetuados como espaços de memória.

Por muitas vezes me surpreendi refletindo sobre cenários fúnebres. Talvez por avistar de minha residência um cemitério, plenamente incorporado à paisagem urbana, pela dramatização nas celebrações em rituais fúnebres ou até mesmo pela visão do ambiente da igreja, onde as imagens são marcantes, principalmente a de Cristo crucificado. Penso estes ambientes, essas exposições e representações na igreja, pelo poder de persuasão que exercem sobre os fiéis, pois a morte é vista e sentida no ambiente. Impressiona-me bastante o aspecto dramático, o sofrimento transparecendo na forma visual das imagens. Isto é questionável no meu entendimento, visto que a morte não precisa ser vista como um sofrimento e sim como um processo natural, e como a própria igreja acredita, o caminho para a vida eterna, sem sofrimentos terrenos e ao lado do Pai.

Um simples caminhar pela minha cidade já mostra como a morte está conectada a vida, através de suas representações fúnebres, que vão desde a denominação de ruas, praças, bairros, cidades, igrejas, capelas, monumentos, nomes de edifícios, pinturas murais, até os locais como os cemitérios, que são locais já criados com a finalidade de ser um local fúnebre. Locais e monumentos que absorvem a arte fúnebre e se utilizam de processos artísticos visuais para representar o morrer e perpetuar memórias.

O trabalho se estrutura em quatro capítulos nos quais serão feitas análises das manifestações artísticas e representações que buscam eternizar o morrer.

No primeiro capítulo, refletirei como a arquitetura para a morte ganha representatividade e potência nos cemitérios através de túmulos, sepulcros e capelas. Nesse sentido, a discussão será conduzida através de um diálogo entre a construção dessas estruturas mortuárias e como se dá a abordagem visual que elas trazem em sua materialidade. Para tanto, as narrativas apresentadas buscam traçar um sobrevoo histórico resumido, no que diz respeito ao retorno às manifestações humanas em tempos bem remotos, tendo como objetivo sinalizar que desde a pré-história o homem atribui relevante importância ao *post mortem* que por sua vez, ganham importância nos locais de sepultamentos, e nos aspectos visuais que envolvem a questão.

No segundo capítulo ficará exposto como a criação artística pode se inserir nas manifestações condizentes a momentos onde se celebra a partida, o fim de uma caminhada e início de uma nova e desconhecida jornada, a qual todos nós faremos, amenizando de certa forma o luto. Se o ato de morrer é aguardado como uma certeza, devemos recebê-lo de maneira naturalmente acolhedora, e festejarmos os momentos que vivemos intensamente nossas escolhas em vida. Há muitas reflexões sobre a morte, mas nenhuma certeza. Isto suscita ideias que

alimentam a imaginação e a inventividade daqueles que produzem projetos arquitetônicos, elaboraram encenações, criam formas escultóricas e outras manifestações visuais que exprimem sentimentos individuais e coletivos em relação ao *post-mortem*. Diante desta prerrogativa o capítulo pretende discutir o poder que a arte fúnebre possui, e como os túmulos, sepulcros e capelas revelam formas e tipologias que favorecem leituras sobre a celebração da vida do morto, a busca da redenção e do porvir, mostrando entre outras questões que a arte se deixa tocar pelos sentimentos de luto, saudade e esperança nos espaços de finitude da vida.

No terceiro será abordado o surgimento dos primeiros cemitérios, assim como suas localizações e como no decorrer da formação das cidades estes ocuparam outros espaços. Mas sempre mostrando todo o envolvimento de simbologias na materialidade dos espaços fúnebres, como forma de visibilidade de crenças e de poder. Nesse sentido assistimos a magníficos processos criativos, que encantam a qualquer vivente, levando a imaginar seus próprios sepultamentos e arquiteturas tumulares.

A seguir farei um diálogo com algumas representações fúnebres estabelecidas em lugares já determinados para a morte e outros que também estão inseridos neste contexto, mas que na maioria das vezes não são percebidos como tal, visto que incorporados à malha urbana, passam despercebidos a esse olhar. Identificarei locais e monumentos na cidade onde nasci e até hoje resido, que absorvem a arte fúnebre e se utilizam de formas visuais para materializar sentimentos. Lugares de memória, que conectam os vivos aos mortos, utilizando artifícios simbólicos e artísticos onde emergem transcendências, que de acordo com a crença de cada um, satisfazem anseios deixados pela perda física. O ser humano parece sempre buscar uma motivação para não deixar desaparecer a lembrança dos que partiram, o que de certa forma atenua a perda.

2. MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS E ARTE FÚNEBRE: APROXIMAÇÕES E ALINHAMENTOS CONCEITUAIS A PARTIR DA HISTÓRIA DA ARTE.

Como interpretar os monumentos arquitetônicos relacionados à arte fúnebre, em que medida eles são tentativas que potencializam conexões com uma ordem de pensar o mundo através de manifestações sejam elas materiais ou imateriais? É um percurso onde não se encontram respostas precisas para ajudar a entender o *pós-mortem*, sobretudo para aqueles que continuam a sua jornada de existência terrena. Logo, a de se pensar que as ideias sobre morte e morrer, transformam-se em múltiplos vetores de expressões e, no contexto relacionado ao campo ampliado das artes visuais, ganham significativa potência justamente porque um dos fundamentos da arte é gerar, a partir de suas formas, conteúdos, sentidos, vivências que movimentam nossos sentidos, aguçam e alteram os nossos olhares para aquilo que existe em nossa volta.

Questões cemiteriais e funerárias desafiam o tempo. Os monumentos arquitetônicos relacionados à arte fúnebre têm entre seus objetivos perpetuar a memória dos que já não estão fisicamente entre nós, tornando visível através da expressividade formal, a finitude da vida de quem ali repousa. A morte evocada em um cenário adequado parece fazer pulsar a vida, sendo tudo visto com naturalidade e organicidade na poética dos túmulos (FERREIRA, 2009, p.522). Escultores, pintores, artistas visuais, atores, arquitetos, criam obras que envolvem o espectador, levando através das mesmas a um processo de reflexão, não só sobre a finitude da vida da pessoa que ali jaz, como também da sua própria existência. A obra de arte fúnebre, pelo seu visual marcante, faz repensar sentimentos, aguça memórias, promove a compreensão de que a morte está organicamente ligada à vida por um processo natural.

A morte chegará a algum momento da vida e embora não esteja à vista, seu afastamento é sempre desejado, embora muitas vezes se idealize o local para acolher nossos corpos, tomando-se decisões que estão além de nossas vidas, como túmulos bastante visíveis e exéquias suntuosas (SÊNECA, 2006, p. 21). E por um processo que envolve religiosidade, poder econômico e político e processos de criações artísticas, elaboram-se diferentes monumentos arquitetônicos relativos à arte fúnebre, nestes espaços que são locais de memória. É notório que existem muitas divergências em relação ao aspecto visual destes locais, sendo isso bastante interessante, pois enquanto alguns queiram dar visibilidade aos locais através de túmulos elaborados e com valor econômico elevado, outros preferem túmulos simples, porém que não deixam de ter um significado marcante. Abre-se então um caminho com inúmeras possibilidades para criações, que através das formas, fazem aproximações e satisfazem nossos anseios. Processo que através de histórias pessoais, fará parte da história de um povo e de uma época histórica.

Segundo Ledoux, pela arquitetura o homem transforma a natureza. O arquiteto continua a obra do “criador”, utilizando-se de procedimentos de acordo com os tempos. A perpetuação da memória visível na arte funerária agradaria aos deuses, pois paisagens embelezadas despertariam o amor à natureza e as virtudes. Porém o que embeleza o mundo para uns, nem sempre embeleza para outros, estando sempre presentes releituras, que se propõem a derrubar barreiras (FERREIRA, 2009, p.523).

Na cidade de Brasília, vemos no Memorial Juscelino Kubitschek uma magnífica escultura fúnebre. Monumento que tenta preservar a memória de uma pessoa pública, a qual está envolta em um cenário histórico e político marcante para o país. Imagem que abre a interpretações diversas, pelas assimilações e crenças pessoais e políticas, visto ser uma pessoa pública.

É fácil ao caminhar na cidade do Rio de Janeiro, assim como em vários centros urbanos, visualizar muitas esculturas, pinturas murais, jardins, construções arquitetônicas, enfim manifestações artísticas, que se apresentam como um museu a céu aberto. Muitas dessas obras estão relacionadas à arte fúnebre e geralmente não percebemos isso, talvez por olharmos para a mesma simplesmente como uma composição da paisagem. Percebemos sua forma, seu aspecto visual, porém na maioria das vezes não refletimos sobre o propósito da criação daquela imagem. São formas que materializam um processo artístico visual, conectando a morte à arquitetura urbana.

Como exemplo de inserção da arte fúnebre na paisagem urbana, cito a estátua de Mahatma Gandhi caminhando. Uma peça em bronze, com 4m de altura, de autoria do escultor Sankho Chaudhuri (1916-2006), que se encontra em área externa da Praça Mahatma Gandhi, local público no centro da cidade do Rio de Janeiro e foi um presente do governo indiano. Na escultura vemos Gandhi em uma imagem consolidada pela Marcha do Sal: de pé, caminhando, com um cajado na mão direita (FREITAS, 2012, p.1 e 6). Escultura fúnebre cuja forma emociona o espectador, visto que o artista mostra na representação visual da obra, a humildade daquele ser enquanto vivente, tanto pelas vestimentas, quanto pela estrutura e expressão corporal. Obra de arte que através da materialidade, procura despertar sentimentos no espectador, por evocar virtudes de alguém que está no mundo dos mortos, motivando o desejo de perpetuar a memória de um grande líder que pregava a não violência. A finitude da vida representada através de uma forma, cujo trabalho artístico, iconograficamente proporciona o não esquecimento de uma existência, mesmo após a morte.

A exposição de manifestações artísticas fúnebres em locais públicos, induzem a questionamentos, pois são lidas por camada histórica temporal, cultural, política, social e religiosa, em que estão inseridas. Enquanto uns tentam construir uma imagem digna do defunto, outros tentam desconstruir uma história que está sob aquela imagem, ficando muitas vezes esquecido o valor artístico daquele objeto fúnebre. Como é o caso da estátua fúnebre de Gandhi, cuja obra foi retirada de uma universidade em Gana, após o mesmo ser acusado de racismo, por posições e falas no tempo em que viveu na África do Sul, como consta em um livro escrito por dois sul-africanos, onde foram feitos relatos e divulgadas frases como “os hábitos civilizados seriam degradados pelos hábitos dos aborígenes”, atribuídas a Gandhi. Professores e alunos pediram a retirada da estátua, a qual foi substituída por um herói africano, com a justificativa de possuírem seus próprios heróis (OPERA MUNDI, 2018).

Assim, monumentos fúnebres, apesar dos valores histórico, material e artístico oriundos de todo um processo de criação do artista e de todo um imaginário de vida e morte em que estão envolvidos, são lidos pelas camadas históricas e culturais que retratam e releituras que acontecem com o passar do tempo.

As imagens carregam significados e depois transmitem, sendo que estes significados podem mudar, mesmo que habite da mesma forma. A obra de arte mostra uma vida transdisciplinar, híbrida e mesclada, cuja essência é ela própria. As imagens, assim como as

formas são ressignificadas ao longo do tempo. É impossível separar a forma do conteúdo, pelo entrelaçamento de carga emotiva e temática que o objeto carrega. Como a história tem o poder de transitar pelos espaços temporais, nesses sobrevoos é capaz de ter um olhar amplo. A história da arte se apropriando destas questões transita por estes espaços e mostra uma infinidade de criações artísticas fúnebres, que através de monumentos arquitetônicos, esculturas e pinturas mostram uma relação virtuosa para construir narrativas entre vivos e mortos.

Uma imagem ao ser observada torna-se interessante não simplesmente pelo que está sendo visualizado pelo nosso olhar ou absorvido pelos demais sentidos. Devemos ter em mente premissas que permitam olhar outras culturas, facilitando assim uma leitura consistente sobre o processo de criação e significação da mesma, abrangendo sua dimensão material e formal. A obra é interessante, por ser um documento determinado por um contexto sócio cultural: a obra não escapa ao contexto histórico social que a encomendou e produziu.

Construções funerárias nos fazem ver que a história do ser humano, não se perde na vida, mas eleva-se acima dela, reintegrando por imagens e símbolos o mundo dos mortos ao mundo dos vivos. A construção histórica do olhar é uma imagem. As imagens são criadas pelo homem como representação do que se vê e do que já foi visto, é o assunto mostrado como registro de diferentes visões. Como toda a imagem carrega fatos históricos, teremos sempre o elo entre o presente e o passado, de onde são extraídas conclusões para agirmos e nos situarmos. Devemos ver nas imagens uma relíquia, um testemunho de tempos passados. Porém quando a imagem observada é uma obra de arte, o olhar já é direcionado para outros valores como: beleza, verdade, genialidade, criatividade, civilização, forma, status, gosto, estilo, enfim um leque muito amplo de valores.

Os estudos das representações relacionadas à morte, ao morrer e tudo o mais que é derivado dos elementos relacionados à finitude da vida, estão envolvidos em um amplo arco de questões. É possível pensar que a arte da representação que diz respeito às últimas coisas, se faz presente e ganha materialidade na arquitetura cemiterial, nos objetos relativos às cerimônias fúnebres, em imagens que dão conta dos processos de ritos que determinam a despedidas de pessoas ou do desaparecimento de materialidades que se tornaram marcadores no cotidiano da cidade. Tudo isso revela como esse ser e existir na paisagem induz a construção de narrativas sobre o viver e o morrer.

Segundo Boulée, o que desperta a emoção é a forma, através das sensações. Não é a função ou uso. Seus projetos de arquitetura tumular mostram monumentos sem ornamentos, sem detalhes, sem objetivos utilitários, nus e despojados, absolutos e frios como sua referência: à morte (FERREIRA, 2009, p. 536). A estética cemiterial através de uma estrutura formal básica, com paredes despojadas, ausência de detalhes, refletem um caráter expressivo pelas proporções tristes, mostrando que a perfeita regularidade e simplicidade, é que constitui a bela forma (FERREIRA, 2009, p.531).

No centro do Rio de Janeiro, vejo no monumento aos mortos da 2ª Guerra Mundial, conhecido como monumento aos Pracinhas, um monumento fúnebre com estética formal de linhas modernas, que se destaca na paisagem, mostrando que no espaço urbano onde os vivos transitam, também tem lugar para os que já partiram. Monumento inserido em uma paisagem que transmite a sensação de tranquilidade e repouso, assim como as estruturas que o compõem. Os que ali repousam têm a finitude de suas vidas, suas memórias materializadas em uma significativa composição artística fúnebre. Embora possua uma construção horizontalizada, nosso olhar é atraído por um ponto alto que parece atingir o céu, uma vida *pós-mortem*. Monumento arquitetônico conectado a arte fúnebre, proporcionando muitas camadas de leituras, pois o visitante estabelece conexão e cria um imaginário com a história ali contida, pelo trabalho artístico visual. O artista mostra na materialidade de sua criação, tanto a história política e social que levaram ao término daquelas vidas, quanto ao movimento sociocultural e artístico no qual as estruturas que compõem o monumento estão inseridas.

No movimento dos dias e na construção de nossos cotidianos, a finitude da vida segue o seu ritmo e estabelece padrões e protocolos, inclusive relacionados às formas que esses elementos ganham representatividade e uma estética muitas vezes própria. Para tanto basta pensar nas características dos lugares de sepultamento pré-determinados, na arquitetura cemiterial com suas capelas e sepulcros e nos ambientes das igrejas, locais que resgatam os sentidos da espiritualidade e são lugares favoráveis ao acolhimento pós- morte. É possível pensar também nos aspectos cemiteriais ou mesmo como a morte e morrer ganham dimensões tão singulares nos veículos de informação e nos sites de notícias. Tudo nesse caso diz respeito às representatividades da finitude da vida e como as mesmas são elaboradas e consumidas visualmente pela sociedade. Entretanto, o que de fato nos interessa em nossa narrativa diz respeito às formas que a morte ganha no

contexto arquitetônico, como ela se apresenta, do que ela é feita, como gera em nós sentimentos de dor, luto, saudade, esperança, medo...

No caso dos cemitérios, em particular, ela se materializa como arquitetura da cidade dos mortos, seja pela sua estrutura em forma de jardim ou por construções tumulares. Os cemitérios jardins mostram uma valorização da natureza, a arte fúnebre visualizada como parte integrante na paisagem natural ou construída dos jardins, remetendo ao Jardim do Éden, lugar idealizado como o repouso final por conectar o porvir com a natureza, pela paz e tranquilidade transmitida, induzindo ao nascer, ao florescer para uma nova existência. As construções tumulares, as quais muitas vezes são idealizadas pelo próprio defunto, demonstram espiritualidades que remetem devoção, ressaltando a fé e a esperança de um acolhimento venturoso na nova jornada a percorrer após a morte física. Tudo bem preparado, um visual agradável, para que os ainda viventes sejam induzidos a não temer a jornada pela qual também passarão. A arte fúnebre é bastante significativa pela simbologia que a envolve, demonstrada através de uma riqueza artística, cultural e arquitetônica, tornando-se muitas vezes patrimônios culturais pelo seu valor histórico, político, social e artístico.

A seguir apresenta-se o Mosaico 1, que pelos monumentos arquitetônicos e arte fúnebre, expõe uma proposta iconográfica que visa referenciar as questões abordadas no capítulo. Os trabalhos artísticos fúnebres selecionados revelam formas visuais que manifestam como a metrópole urbana contemporânea possui um diálogo vigoroso com a morte e o morrer. Destaca como a arte fúnebre de alguma forma atenua a perda, utilizando-se dos monumentos fúnebres e dos cemitérios como parte de paisagens construídas, ressaltando a ligação homem e natureza.

MOSAICO 1: MONUMENTOS ARQUITETÔNICOS E ARTE FÚNEBRE.



CRISA SANTOS, IN-FINITO, 2020 | Monumento que faz homenagem às vítimas da Covid-19. Projeto da arquiteta Crisa Santos, denominado In-finito, é um memorial instalado no crematório e cemitério da Penitência/RJ. Honrando a memória dos que se foram e dignificando o luto dos que ficaram, propõe uma reconexão com os entes que partiram de maneira tão abrupta. Existe a condição de contato físico com a obra, pela possibilidade das pessoas sentarem ou encostarem, induzindo a um acalento. Utiliza módulos de aço, em formato sinuoso, remetendo a linha contínua da vida, com altos e baixos, conectando a momentos bons e ruins, tanto do ser que partiu, quanto de quem está observando, que também um dia ficará na memória de alguém. A obra convida o visitante a uma caminhada através de um ato físico e mental. Interessante que o sentimento de tristeza na cor escura e na rigidez do aço, faz contraste com o chão branco, que se mostra acolhedor e acalentador.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/948714/primeiro-monumento-as-vitimas-da-covid-19-no-brasil-e-inaugurado-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 10 nov. 2021.



CEMITÉRIO PARQUE BOSQUE DA PAZ | Localizado em Nova Brasília, o Cemitério Parque Bosque da Paz, mostra um projeto arquitetônico fúnebre inteiramente conectado com a natureza. Lugar onde não só os mortos desejam estar, pois os vivos também são absorvidos por um estado de paz e harmonia, desejada durante e ao final da vida terrena. A paisagem embelezada aflora bons sentimentos, enaltece virtudes e desperta o amor à natureza. O cenário inspira uma pintura da paisagem. O verde que sempre remete a esperança, a vida, se acopla ao azul que nos eleva a paz celestial, só acessível através da morte. A arquitetura cimiterial mostrando sentimentos de integração do homem com a natureza, transmite harmonia, pois durante a vida e mesmo após a morte, os seres vivos precisam uns dos outros, pois a decomposição dos corpos significa chances do surgimento de novas vidas. Arquitetura fúnebre que certamente agrada a criatura e ao Criador.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.juciribeiro.com/2020/03/cemiterio-parque-bosque-da-paz-viraliza.html>>. Acesso em: 10 nov. 2021.



SANKHO CHAUDHURI, MAHATMA GANDHI, 1965, RIO DE JANEIRO | Escultura do líder pacifista Mahatma Gandhi, inaugurada na área central da cidade do Rio de Janeiro em 1965. A postura de andante transmite a importância de sua luta, mesmo após sua morte. Com cajado na mão, caminha de costas para a praça, fazendo transparecer que barreiras não o inibiam diante de sua caminhada e dos firmes propósitos de vida, os quais foram perpetuados pela sua morte. A obra é em bronze, material resistente. Sua cor cinza, junção do branco e do preto, simboliza a ressurreição, mas também remete ao luto, levando nosso espírito a sentimentos de tristeza. Monumento fúnebre com um apurado trabalho escultórico, pois sua superfície tem um tratamento notável. Instiga reflexões tanto pela forma visual apresentada pela imagem, quanto pela história de vida do líder representado. Objeto artístico, inserido na paisagem urbana, ressalta que os mortos de alguma forma sempre estarão entre os vivos.

Fonte: Disponível em:

<<https://viagemdeaz.com/pt/2019/03/30/pontos-turisticos-cinelandia/dsc07699-1/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.



LEO SANTANA, CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 2002, RIO DE JANEIRO | Encomendada ao artista plástico pela prefeitura do Rio de Janeiro e instalada em comemoração ao centenário de nascimento do poeta. A peça em bronze, com 150 quilos, mostra o poeta sentado no banco onde costumava ficar ao final das tardes. Aparece uma postura contemplativa, de costas para o mar e olhando o calçadão de Copacabana. Na bela paisagem da praia destaca-se a estátua fúnebre. Obra que através da forma visual, eterniza o poeta pelas lembranças de sua vida. A memória do poeta está imortalizada tanto pelo local onde a obra está inserida quanto pela postura da figura e o material utilizado em sua confecção se mostra leve e reluzente ao refletir os raios do sol, assim como a luz, os sonhos e a leveza de suas poesias. A morte se mostra na estátua, assumindo uma aparência iluminada como a luz eterna, e acalentadora como o som do mar e das palavras escritas pelo poeta.

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_Carlos_Drummond_Andrade>. Acesso em: 10 nov. 2021.



ANJO - ESCULTURA TUMULAR | As imagens de anjos são bastante comuns em túmulos, pois sendo seres celestiais, remetem a espiritualidade e ao divino. Os anjos simbolizam a guarda, o cuidado com a alma da pessoa. Nesta imagem percebemos as feições do anjo com uma expressão tranquila e serena. Vemos sua mão esquerda em direção ao túmulo, induzindo a interpretarmos como um pedido de misericórdia e bênçãos aquela criatura que ali jaz. A mão direita apontando para o céu, direciona o olhar para o divino e indica o abandono da matéria. A verticalidade da imagem induz nosso olhar e pensamento para o celestial, na certeza de uma vida após a morte. As urnas funerárias em cada lado do anjo são a certeza de que algum vestígio restará. À cor clara da imagem induz a sensação de paz e repouso do corpo que ali descansa, acalentando de certa forma os visitantes.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.nataldasantigas.com.br/blog/cemite-rio-arte-funeraria>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

PIETÁ, MICHELANGELO BUONAROTTI, 1499, BASÍLICA DE SÃO PEDRO, VATICANO

| A magnífica escultura renascentista em mármore tem uma intensa força, beleza e serenidade, vista na composição geral da obra, no drapeado das vestimentas de Maria, no corpo de Cristo, nas expressões dos personagens. Acabamentos perfeitos nas dobras dos tecidos e nos músculos destacam o realismo na obra. A leitura visual da escultura fúnebre mostra a figura de Maria de uma forma idealizada, não representando o sofrimento de forma realista, mas sim com resignação. Parece aceitar a morte de seu filho, como um acontecimento aguardado. Pietà é um tema da arte cristã, que retrata a devoção, através de uma imagem fúnebre. O rosto de Maria não exprime desespero, mostra sim a expressão serena de sofrimento e piedade. A morte sendo bem aceita, pois não é o fim e sim o caminho para a vida eterna.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.ebiografia.com/michelangelo/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.



Cemitério N. S. do Desterro, Jundiaí, SP | O túmulo do engenheiro Leonardo Cavalcanti atrai de imediato o olhar do visitante. Trabalhador da Companhia Paulista das Estradas de Ferro, tragicamente morreu eletrocutado ao inspecionar fios de alta tensão nos trechos ferroviários. Vemos um bonito e singular trabalho artístico em toda a composição do túmulo, onde a escultura de uma mulher chorando, feita em bronze, imortaliza o momento de despedida da esposa ao fechamento do caixão. Embora a imagem seja de um momento de dor, as cores transmitem tranquilidade. A frieza da pedra, hipoteticamente relacionada à frieza da morte, é aquecida pelo calor corporal da mulher, calor presente na vida. A pessoa que ali repousa nunca será esquecida, sua memória é combustível, para que a vida seja imortalizada pelas lembranças. Comovidos pela imagem da despedida da esposa, que deixou transparecer o quanto era sólido o amor dos dois, até hoje visitantes deixam flores no túmulo, na esperança de encontrarem o amor verdadeiro.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.itupevaagora.com.br/2020/10/conheca-historia-do-tumulo-mais-famoso.html>>.

Acesso em: 17 nov. 2021.



Memorial Juscelino Kubitschek | Localizado em Brasília, o monumento fúnebre acolhe um museu, que preserva a história da vida política e pessoal do presidente. O edifício monumental em mármore branco faz belo contraste com o céu da capital, sendo a construção emoldurada por acolhedores jardins, que induzem ao paraíso. A vida pulsa na significativa escultura fúnebre do casal Juscelino e Sarah, sentados em um banco do jardim, unidos mesmo após a morte. Destaca-se na imagem visual do projeto, um pedestal de concreto armado, de onde sai uma grande mão em forma de concha, que acolhe e protege a estátua em bronze, feita por Honório Peçanha, de onde Juscelino acena para a cidade. Observa-se no trabalho de criação arquitetônica e artística do espaço, o porvir, o lugar almejado após a morte.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.df.gov.br/memorial-jk/>>. Acesso em: 06 maio 2022.

Disponível em:

<<https://agenciabrasilia.df.gov.br/2019/09/12/memorial%20%8C-%E2%80%8Cjk%E2%80%8C-%E2%80%8C38%E2%80%8C-%E2%80%8Ccanos%E2%80%8C-%E2%80%8Cguardando%E2%80%8C-%E2%80%8Cco%E2%80%8C-%E2%80%8Ctesouro%E2%80%8C-%E2%80%8Cda%E2%80%8C-%E2%80%8Chistoria/>>. Acesso em: 17 nov. 2021.



O BEIJO DA MORTE, 1930, CEMITÉRIO DE POBLENOU, BARCELONA | Escultura em mármore sobre o túmulo de Josep Soler Llaudet. Acredita-se que criada por Jaume Barba, por ter o nome gravado na base, porém alguns atribuem o design a Joan Fontbernat. A morte na forma de um esqueleto alado acolhe o homem com um beijo, selando um pacto eterno. O realismo da obra impressiona, pela maestria da textura. Os dedos do esqueleto afundam na carne macia do homem. A escultura mostra simultaneamente romantismo, que atrai e perturbação, que repele. A imagem do esqueleto, que normalmente retrata um processo de dor, aqui em forma de anjo mostra a face acolhedora. Imagina-se que a morte levará o jovem para o lugar onde reside o maior mistério para os vivos.

Fonte: Disponível em:

<<http://www.tendencee.com.br/2021/04/a-magnifica-escultura-que-celebra-a-vida-apos-a-morte/>>. Acesso em: 21 nov. 2021.

VICTOR BRECHERET, O SEPULTAMENTO, 1923, CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO | A bela forma escultórica das figuras e a leitura do fato representado atraem e dominam o olhar, diante dessa significativa imagem visual da morte. Trabalho que tem como característica marcante, a geometrização das formas, na frieza da pedra. O túmulo de Olívia Guedes Penteadado expõe a obra “Mise au Tombeau”, 1923, premiada no Salão de Outono de Paris. Escultura com 2,26m de comprimento e 3,65 de altura, em granito natural, representando a Pietà (Virgem Maria com Cristo morto no colo) e as mulheres Santas: Maria Madalena, Maria de Cleófas, Isabel e uma 4ª mulher (talvez aludindo a Dona Olívia). Olívia Guedes foi grande incentivadora do Modernismo brasileiro e Victor Brecheret (escultor italo-brasileiro) um dos principais representantes da arte moderna no Brasil.

Fonte: Disponível em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/al-manaque/sepulturas-de-100-figuras-notorias-historia-do-suntuoso-cemiterio-da-consolacao.phtml>>. Acesso em 10 nov. 2021.

Disponível

em:

<<http://tumulosfamosos.blogspot.com/2012/07/olivia-guedes-penteadado-arte-tumular-794.html>>. Acesso em 10 nov. 2021.



TÚMULO DE MARIA EVA DUARTE PERÓN, CEMITÉRIO DA RECOLETA, BUENOS AIRES | Última morada de uma família local e tradicional. O túmulo de Eva Perón mostra aspecto sombrio de uma caixa fechada, como o estado de morrer. Na porta fechada existe uma cruz sem o Cristo crucificado, indicando salvação, redenção: pressupõe a porta de passagem da vida terrena para a vida eterna. As flores e mensagens depositadas na porta enaltecem a memória do defunto. Cemitério bastante visitado pelos diferentes estilos arquitetônicos e leituras significativas para historiadores. Inúmeros mausoléus de mármore compõem o visual das sepulturas, dando aspecto imponente e luxuoso ao local, identificado como museu cemitério, pelas várias sepulturas declaradas patrimônio da humanidade. Mausoléus, onde arquiteturas para a morte estimulam prazeres da vida, como: o prazer de admirar belas formas, conhecer processos de criações artísticas que absorvem os últimos vestígios do corpo físico, conhecer histórias de vida marcantes na história da humanidade.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.worldby2.com.br/2020/07/buenos-aires-cemiterio-recoleta.html>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

Disponível em:

<<https://iconografiadahistoria.com.br/2021/11/02/o-cemiterio-da-recoleta-lendas-historia-e-arte-no-campo-santo-argentino/>>. Acesso em 17 nov. 2021.



MONUMENTO AOS PRACINHAS, 1960, RIO DE JANEIRO | Este monumento fúnebre denota o rompimento com o academicismo. É um marco da arquitetura moderna brasileira, que emerge na paisagem do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, Aterro do Flamengo. Conhecido como Monumento aos Pracinhas, o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, é uma homenagem póstuma a soldados brasileiros mortos na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial e foi inaugurado em 1960, após a exumação de corpos dos soldados na Itália. Os restos mortais foram trazidos em caixas individuais de zinco e colocados em urnas de madeira. Uma urna de um soldado não identificado foi depositada na base do Pórtico do Monumento, permanecendo até hoje no local. A obra exerce grande impacto visual e sentimental, pelo local onde está localizada, pela sua dimensão física espacial e pela história contida na leitura das imagens.

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_Nacional_aos_Mortos_da_Segunda_Guerra_Mundial>.

Acesso em: 10 nov. 2021.

Disponível

em:

<<https://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/fl-monumento-pracas.html>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

3. TÚMULOS, SEPULCROS E CAPELAS: NOTAS SOBRE A ARQUITETURA PARA A MORTE

Entendo que as mais antigas sepulturas da pré-história já revelam espiritualidade e senso religioso, além de uma estética com visual artístico, criativo e questionador sobre o porvir. Os achados arqueológicos indicam que ao sepultar seus mortos, o homem pré-histórico julgava que eles sobreviveriam, sendo a este entendimento, já atribuído um sinal de racionalidade e demonstração de uma crença em Deus ou na Divindade que assegura a vida pós-morte. Assim o local onde o corpo estaria repousando, sendo um local de passagem, teria que ser um local acolhedor e prazeroso, como um prolongamento do tempo em que o corpo tinha vida, não sendo visto como um local obscuro.

As sepulturas pré-históricas não parecem absorver valores utilitários e higiênicos e sim exprimem a convicção de uma sobrevivência. Motivo pelo qual os corpos teriam que ser preservados em local seguro do ataque de animais ou eventos climáticos. Os interiores das cavernas foram identificados pelo homem, como locais já pré-determinados pela natureza, por mostrarem uma arquitetura perfeitamente adaptável para sepulturas, revelando assim, o maravilhoso aspecto formal do visual natural das cavernas, já mostrando um local acolhedor, protetor e simbólico. Espaços onde o homem já comunicava suas ideias através de rituais fúnebres e de um processo criativo visual, visto que nestes lugares foram encontradas as mais antigas formas de representação artística da história do homem: a arte rupestre. Manifestações artísticas visuais realizadas através de desenhos e pinturas gravadas nas paredes das cavernas, muitas vezes em lugares onde corpos haviam sido depositados. Processo de criação humana

retratando cenas do cotidiano daquele defunto e com a função de eternizar sua memória e torná-la visível onde ele estivesse.

Com o desenvolvimento cultural da humanidade, muitos povos continuaram a proceder à inumação de seus entes no interior de estruturas e de espaços físicos pré-determinados. Estavam presentes vínculos com o mundo ancestral e sobrenatural, em conformidade com seus processos culturais e suas crenças. Acreditando no poder das imagens e por um processo cultural, desenvolveram-se ritos de separação, que marcam a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, onde o defunto se reuniria com seus ancestrais (LAUWERS, 2015, p.156/157).

Vejo que os espaços e arquiteturas criados como lugares para a morte visam à continuidade da presença daqueles que não estarão mais com seu corpo físico visível ao alcance do nosso olhar. Nestas construções cultua-se a memória do defunto e cria-se um ambiente que pode ser de reflexão, de súplica, de agradecimento, de alívio, pois a vida terrena vivida por aquele ser é transformada nas lembranças. A arquitetura da cidade dos mortos acompanha o que é feito na cidade dos vivos, assim não há estilo arquitetônico definido.

“Os cemitérios são locais onde jazem e dormem os mortos, lugares onde as carnes dos cadáveres se consomem” (LAUWERS, 2015, p. 150). O corpo não é mais visível, desaparecendo nos túmulos, sepulcros e capelas, pois a vida biológica não está mais presente. Estes espaços e estas construções em lugares definidos são utilizados para dar visibilidade à passagem do estado de vida para o estado de morte. São espaços de memória, onde se materializa a finitude da vida.

A princípio os enterramentos eram feitos afastados da cidade, posteriormente surgiram os cemitérios em espaços ao redor das igrejas, sendo estes espaços sacralizados. Ao ocorrer o sepultamento nestes locais, o parentesco espiritual que é valorizado pela igreja desde o batismo, agora substitui o parentesco carnal, pois através do sacramento do batismo, as almas se tornam filhas de Deus Pai e membros da Santa Igreja. Sendo todos filhos de Deus, devem estar sempre unidos como uma família, durante a vida terrena e na vida eterna, sendo seus corpos sepultados ao redor da igreja, que é um lugar sagrado. Toda uma espiritualidade sempre presente, do batismo até no momento da morte, onde o enfermo é ungido pelo sacramento da Unção dos Enfermos e sendo seus pecados perdoados.

Assim a Igreja e os espaços anexos à mesma eram tidos como locais sagrados pelos fiéis, os quais entendiam que deveriam repousar “no seio da Igreja de cujo ventre nasceu para a graça pelo sacramento do Batismo” (LAUWERS, 2015, p.147). O local funerário identifica-se com

local do batismo, assim a igreja se torna o espaço físico para o nascimento e para a morte, onde pela espiritualidade o corpo deve permanecer em suas proximidades. Ao redor da igreja os corpos estariam num patrimônio de Cristo, já que são herdeiros do reino de Deus e eram favorecidos pelas orações dos fiéis frequentadores da mesma. Para o cristão, a vida terrena é uma passagem e o morrer é algo desejável, visto que proporciona a graça de estar ao lado do Pai, em uma vida que será eterna.

Posteriormente, por questões sanitárias e de urbanização das cidades, a maioria dos cemitérios foram deslocados das áreas anexas às igrejas, saindo da administração das igrejas para administrações privadas ou de governos municipais. As estruturas que observamos em cemitérios, capelas, túmulos e sepulcros que acolhem os corpos, muitas vezes refletem a vida social da pessoa enquanto vivente. Parece ser uma necessidade humana a questão da materialidade como forma de poder no decorrer da vida e mesmo após a morte. Assim também o local de cerimoniais e enterramentos para muitos parecem ter essa função, deixando transparecer a identidade do defunto e imortalizando sua vida.

Nos cemitérios, os túmulos usados para sepultamentos temporários, normalmente possuem uma arquitetura bastante simples, só mesmo uma placa de concreto para lacrar o local e identificar o defunto, pois o espaço físico não pertence à família, podendo após a exumação do corpo, os ossos ficarem guardados em ossuários, que são locais apropriados, se a família assim desejar. Nos cemitérios jardins tudo também é muito simples, porém bastante significativo, pois a arquitetura tumular transmite a paz, a tranquilidade que desejamos aquela pessoa, após sua morte. Existem também os espaços comprados para o próprio sepultamento ou dos familiares, onde a arquitetura pensada pela pessoa ou pelos familiares, para ser o visual da morada após a morte, é uma arte fúnebre bastante representativa.

Muitos artistas plásticos demonstram com magnitude seus trabalhos nos lugares pensados para a morte. Trabalhos desafiadores, que retratam através de um processo criativo, o encantamento e a beleza, em momentos de infinita tristeza. Assim os túmulos se tornam objetos de valor inestimável, não só pela espiritualidade que representam como também pelo valor econômico, pois suas arquiteturas muitas vezes são obras de arte, podendo também, estarem acrescidos de objetos artísticos, como esculturas ou pinturas, encomendadas ou adquiridas e adaptadas para o local.

Na prática, existem locais que o homem define como locais reservados para a morte, tão lindos, que através de nossos sentidos encantam o espírito e imaginamos o dia em que nosso corpo terá o prazer de repousar num lugar tão aprazível. Sabemos que desde o nascimento já estamos morrendo fisicamente, pois o dia denominado como o dia da morte está se aproximando. Este dia pode ser pensado como um degrau da vida e não como o fim de tudo. Se toda a nossa vida é um desafio ao qual somos lançados e concretizamos a arte de viver, logo a nossa morte também nos desafia. Embora temerosa, a morte motiva a vida, emerge o espírito de luta (BARTHES, 2011, p. 21). O degrau onde a morte nos espera pode ser desenvolvimento mentalmente, onde o ser humano é consciente de seu dever, de seu poder morrer e de sua relação com os mortos, através de crenças em outras vidas, ritos fúnebres, aceitação ou revolta em relação à morte. Neste degrau, estarão presentes marcas, onde mesmo sem a presença física o defunto estará visível. Após a morte ainda necessitamos de um acolhimento espiritual e de uma morada física, a qual os ainda viventes manterão como forma de reconhecimento. A representação fúnebre na qual repousamos não significará o fim e sim uma página virada no livro da vida, onde a história continua, porém, não podemos ler.

Os ritos fúnebres e os locais de túmulos, sepulcros e capelas, devem ser locais aprazíveis, onde finalmente nosso corpo físico repousará. Por que então, não idealizar representações artísticas poéticas e felizes, com decorações que agradem ao nosso espírito e ao olhar dos ainda viventes, visualizando as representações com naturalidade e valorizando estes espaços.

Interessante citar o local identificado como a Capela dos Ossos, localizada na Igreja São Francisco, em Évora, Portugal, a qual faz parte de um antigo convento ocupado pela Ordem Terceira da Penitência, e a princípio era dedicada ao culto das almas do purgatório. Foi pensada como ativação de cunho devocional e artístico, exercendo o poder de persuasão pela imagem, visando o compromisso com a vida cristã e levando a reflexão sobre a transitoriedade da vida. Seu teto abobadado mostra símbolos ilustrados por passagens bíblicas pintados em afrescos e as paredes e colunas são revestidas com ossos e crânios retirados de espaços de enterramentos ligados ao antigo convento. A Capela dos Ossos é um local onde símbolos da morte estão visíveis, de uma forma cativante, atraente, formando uma criação artisticamente adaptada ao local. Além dos ossos que revestem as paredes e colunas, existem duas memórias fúnebres: a campa rasa do bispo D. Jacinto Carlos da Silveira, morto durante a invasão francesa, em 1808 e a arca tumular que acolhe os presumíveis ossos dos fundadores do convento. Existem também duas

múmias não identificadas, que foram encontradas no século XVIII penduradas na parede, sem tocar nem o céu, nem a terra, como se estivessem no purgatório, as quais hoje estão acomodadas de outra forma. O local composto pela igreja, capela e museu, hoje é um dos principais pontos turísticos da cidade.

Os espaços fúnebres mostram o triunfo dos símbolos, que inseridos na paisagem por uma arquitetura para a morte, a empoderam, tornando-a prazerosa ao nosso olhar. A noção de paisagem envolve uma relação complexa de três componentes básicos, que são: um local, um olhar e uma imagem. A arte dos símbolos, sempre desenvolve uma linguagem decorativa, porém o fato de aceitarmos os símbolos como realidade e entendermos a arte por um viés simbólico, exige que tenhamos certo grau de familiaridade com o que estamos vivenciando.

Através do Mosaico 2, serão apresentadas imagens de túmulos, sepulcros e capelas, que nos mostram a simbologia da arquitetura tumular. Como as igrejas por serem locais consagrados se tornaram locais de sepultamentos e o deslocamento destes locais, que incluem as capelas, os túmulos, sepulcros, devido ao crescimento e urbanização das cidades. Veremos também que o deslocamento do espaço físico não deixou esquecido o significado de suas representações de acolhimento dos corpos já sem vida. Lugares de sepultamentos que se tornaram pontos turísticos, tanto pelas suas construções, como pelas histórias que acolhidas, como é o exemplo da Capela dos Ossos.

MOSAICO 2: TÚMULOS, SEPULCROS E CAPELAS.



Capela de Nossa Senhora do Rosário, cemitério velho de Caeté, Caeté, MG | A imagem nos mostra claramente como a fé é um porto seguro na busca do entendimento de algo tão obscuro, que é a morte. Como a igreja acolhe a todos como filhos de Deus, assim também na hora da morte é significativo que o corpo permaneça próximo a este lugar consagrado. O que importa é a fé, assim a igreja pode ser um prédio luxuoso ou simples, mas abraçará seus filhos da mesma forma. O monumento na cor branca, à frente da igreja apontando para o céu, transmite a paz, o descanso eterno para os corpos que ali repousam. A igreja também na cor branca induz a um lugar de repouso e acolhimento daquelas almas.

Fonte: Disponível em:
<<http://2.bp.blogspot.com/-dikVhHYMsjk/UL4Pmd6H4GI/AAAAAAAAAy0/IGwqwaADtHA/s1600/1+%252835%2529.jpg>>
. Acesso em: 03 dez. 2021.

Cemitério da Igreja de São José, Ouro Preto, MG | Na foto de Peterson Bruschi, percebemos duas igrejas que se mostram imponentes e cheias de simbolismos, pelo local onde estão construídas. Bastante interessante o cemitério construído na igreja que está localizada na parte mais baixa do terreno. Percebe-se a indução através da leitura visual, que os corpos ali sepultados estão repousando ao final da vida terrena, até que suas almas cheguem ao céu, relacionado à imagem da igreja que está na parte mais alta do terreno. As cores das igrejas, em tons claros, induzem os fiéis à percepção de que no lugar reina a paz e serenidade almejada tanto na vida terrena, quanto na vida após a morte.

Fonte: Disponível em:
<<https://www.conhecaminas.com/2017/02/enterros-em-igrejas-foram-pratica-comum.html>>. Acesso em: 03 dez. 2021.



TÚMULO DE TARSILA DO AMARAL |

Localizado no cemitério da Consolação, na capital paulista, apresenta o aspecto visual bastante simples, com revestimento de pedras na cor marrom e a porta na cor preta. A cor marrom associada à cor da terra e da madeira, coisas da vida terrena. A terra como solo fértil para a planta florescer, também é o lugar de repouso, onde nosso corpo aguarda o porvir. A cor marrom transparece simplicidade e segurança, repouso ao fim de uma jornada. A porta na cor cinza remete a algo obscuro, a incógnita do fim da vida, do pós-morte. Porém, o fato da porta poder ser aberta, induz a pensar que existe algo após a passagem, algo após a morte. As três cruzes na cor preta cravadas na porta, representam as crucificações de Cristo e dos dois homens que morreram ao seu lado, mas como vemos não existem corpos nas cruzes, sendo assim sinal de salvação.

Fonte: Disponível em:

<<https://saopauloantiga.com.br/furtos-fora-de-controle-na-consolacao/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.



TÚMULO DE MÁRIO DE ANDRADE |

O túmulo localizado no cemitério da Consolação, na capital paulista, é simples em seu aspecto formal, porém possui uma leitura bastante significativa. É revestido por pedras de cor escura, remetendo a sentimentos tristes relacionados ao momento da finitude da vida. Contrasta com a bela escultura de um anjo na cor clara, em tamanho grande, que se encontra sobre o túmulo, transmitindo para os viventes a certeza da guarda da alma que ali repousa. A imagem de anjos, sempre elevam nossos pensamentos às coisas do céu, porque são seres celestiais e espirituais, são ajudantes ou mensageiros de Deus. O anjo tem uma beleza delicada, sua imagem emana positividade e suas grandes asas mostram proteção. Sobre a pedra na cor escura vemos um crucifixo que lembra a morte de Cristo, mas a morte que nos trouxe a certeza da ressurreição.

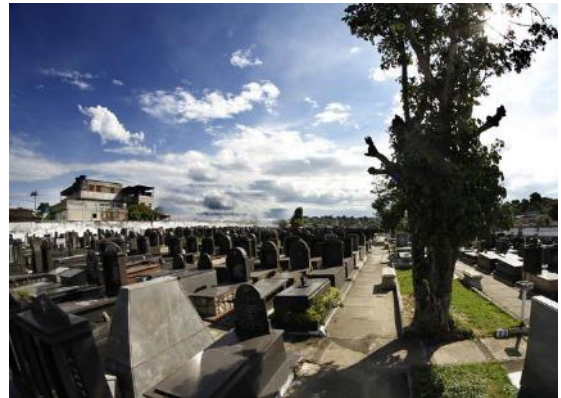
Fonte: Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/artetumular/3911411603>>. Acesso em 10 nov. 2021.



TÚMULOS DO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE VILA ROSALI, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | A imagem mostra um recorte da rua principal do cemitério e alguns túmulos. No lado direito, logo na parte frontal da imagem, é visto um túmulo na cor branca, coberto com uma pedra preta e na sua parte lateral uma ornamentação que parece uma entrada de um templo, com uma cruz direcionada para o céu. Apesar do fim da existência representado pelo lacre da pedra preta, a cor branca ao seu redor induz ao sentimento de esperança. A construção é simples e acolhedora, transmitindo esperança no porvir. Já a construção tumular mais alta, vista um pouco mais atrás, parece uma caixa fechada, transparece o sentimento de ocultação e mostra um aspecto pesado, transmitindo a sensação de que realmente tudo chegou ao fim.

Fonte: Disponível em:
<<https://pt.foursquare.com/v/cemit%C3%A9rio-de-vila-rosali/4d976705744f3704122bd457>>.
Acesso em: 10 nov. 2021.



TÚMULOS DO CEMITÉRIO ISRAELITA NOVO - VILA ROSALI, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Chama atenção à padronização entre os túmulos, vista principalmente através da cor da pedra que os reveste e da arquitetura tumular. A composição visual transmite o sentimento de igualdade. Não importa a trajetória durante a vida, pois agora todos repousam com a mesma condição e no mesmo ambiente. O lugar apesar de sombrio, pela cor dos túmulos, mostra-se um lugar acolhedor, com um caminho que leva ao infinito, onde todos que ali repousam encontrarão a paz, o porvir tão sonhado. Na imagem percebemos que o cemitério está em um local conectado à paisagem urbana, mostrando assim um local acolhido e conectado pelos vivos.

Fonte: Disponível em:
<<http://culturahebraica.blogspot.com/2018/10/cemiterio-vila-rosali-novo-em-sao-joao.html>>. Acesso em: 10 nov. 2021.



CAPELA DO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO, SÃO PAULO | Imagem que suscita o artista a criação de uma pintura de paisagem. Observamos que a paisagem construída pelo homem mostra um caminho abraçado pela natureza e direcionado à capela. Ao mesmo tempo em que nosso olhar caminha para frente, também é atraído para o alto, através da verticalidade das árvores. O caminho parece nebuloso pela sombra das árvores, porém sombras que também acolhem nosso corpo em momentos de descanso, assim como a capela acolhe o corpo já sem vida. Uma luz ilumina o final desta caminhada, mostrando a suavidade das cores da capela e a conexão da mesma com o celestial. Lugar idealizado para os últimos instantes, pois transmite paz e tranquilidade, assim como a sensação de que a finitude da vida terrena, não é o fim de nossa existência.

Fonte: Disponível em:

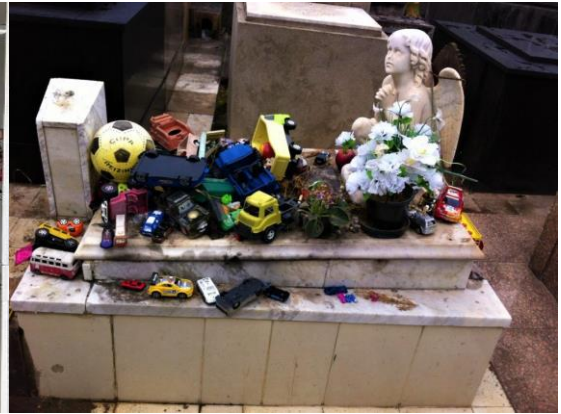
<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/sepulturas-de-100-figuras-notorias-historia-do-suntuoso-cemiterio-da-consolacao.phtml>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

INTERIOR DE UMA CAPELA FUNERÁRIA

| O corpo do morto é acolhido e velado, antes de ser sepultado. Normalmente este acolhimento é em uma sala, localizada nos cemitérios. A capela vista na imagem, tem um aspecto iluminado: suas paredes são em tons claros, sendo que a parede de fundo possui uma parte sobressalente na cor cinza claro, da qual através de suas laterais brilha uma luz em todo seu contorno, como que acolhendo a alma do defunto. A sala está preparada com objetos e acomodações adequadas. Observam-se cadeiras pretas nas paredes laterais, indicando o luto dos que ali se encontram e um conjunto de objetos prateados, acolhendo o corpo a ser velado: suportes para apoiar o caixão, no centro da sala; nas laterais da cabeceira do caixão dois castiçais grandes, onde são colocadas velas mostrando a luz eterna e na cabeceira do caixão, um suporte com brilho radiante, contendo um crucifixo ao centro.

Fonte: Disponível em:

<<https://acesf.londrina.pr.gov.br/index.php/images/15-capelas-da-jk/detail/66-capela-jk-02.html>>. Acesso em: 17 jan. 2022.



INTERIOR DA CAPELA MORTUÁRIA ANEXA AO CEMITÉRIO PAROQUIAL DE ORLEANS, CURITIBA

| Na foto de Caio Budel, vemos o corpo do sertanejo Yago, sendo velado. Percebemos um momento em que familiares fazem a última despedida de um ente querido. Apesar de ser um momento de infinita tristeza, o ambiente é acolhedor, possuindo as paredes, o teto e o chão todos em cor clara, como que induzindo a condição de paz e de tranquilidade, diante de tanto sofrimento. Chamam atenção as coroas de flores, que no formato de um círculo fechado, simboliza que também o ciclo da vida tem um fim. E mesmo não se sabendo o porvir, o que nos espera após este fim, temos sempre esperança de que seremos acolhidos em um lugar sem sofrimento. Vemos também a presença de velas acesas, simbolizando a iluminação para o caminho que a alma percorrerá até o descanso eterno.

Fonte: Disponível em:
<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/12/30/corpo-do-sertanejo-yago-e-velado-em-curitiba.ghtml>>. Acesso em: 17 jan. 2022.

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS - TÚMULO DE FRANCISCO JOSÉ ALVES SOUTO FILHO

| Popularmente conhecido como “Anjinho”, faleceu em 09/04/1872 aos 3 meses de idade. Estando o túmulo abandonado, um marmorista passou a cuidar e como se encontrava doente, pediu pela cura da doença, sendo seu pedido atendido. A crença popular se espalhou. Visto a quantidade de objetos depositados sobre o túmulo, indica que onde o anjinho estiver, está ouvindo e atendendo aos pedidos. Recoberta por mármore branco, a sepultura possui a imagem de um anjo criança, ajoelhado, com olhar voltado para o céu e as mãos unidas em posição de oração. Possui também flores, que assim como a criança, desabrocham para a vida, além de muitos brinquedos, que dão prazer às crianças. Todo um visual que condiz com a pureza da criança e perpassa a sensação confiança e de paz.

Fonte: Disponível em:
<<https://soupetropolis.com/2020/11/02/4-curiosidades-sobre-a-historia-de-um-dos-tumulos-mais-visitados-do-cemiterio-de-petropolis/>>. Acesso em: 04 fev. 2022.



TÚMULO DA COLEÇÃO DE LÍDIA MALCHER | A decoração sobre a pedra do túmulo, formalizada em um jardim sazonal ganha destaque. É um “túmulo vivo”, e tenta mascarar a tristeza contida nesta construção. A metáfora com a vegetação verdejante, aparentemente lembra que da terra brota a vida. As plantas acomodadas de maneira a formarem desenhos de caminhos sinuosos naquele espaço especial, reforçam a vitalidade da natureza mesmo em meio à sepultura. O colorido dos vegetais ornamentais mostra uma perfeita combinação das tonalidades dos verdes e um belo contraste com as flores. A sensação ao observar o túmulo não é de chegar a um ponto final, e sim, de uma caminhada contínua, da qual também faremos parte. A perspectiva desse túmulo revela um jogo formal no qual a estética da jardinagem é um elemento marcante dentro do contexto de celebração da vida do morto.

Fonte: Disponível em:
<<https://br.pinterest.com/1malcher1009/t%C3%BAmulo/>>. Acesso em: 04 fev. 2022.



CAPELA DOS OSSOS - IGREJA SÃO FRANCISCO, ÉVORA, PORTUGAL | O espaço é de uma beleza infinita, tanto pela arquitetura, quanto pela decoração. A imagem da finitude humana marca visivelmente o local, visto que na decoração são utilizados ossos humanos e pela presença marcante de duas múmias e urnas com restos mortais. O visitante é conduzido a refletir sobre a efemeridade da vida terrena e revela o compromisso com a vida cristã, visto se encontrar em uma igreja. A imagem do local é impactante pelo fato das paredes e colunas serem todas revestidas de ossos humanos. Muito interessante os contornos das paredes em forma de moldura, feitos com crânios e as colunas com ossos mais longos, induzindo resistência. O espaço é acolhedor e encanta pela sua criatividade, pelos objetos que estão em seu interior e pela admirável arquitetura.

Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva. Acervo da autora.

4. CELEBRAÇÃO, REDENÇÃO E PORVIR: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES ARTÍSTICAS E A POIÉSIS DOS ESPAÇOS DA FINITUDE HUMANA.

Questões relativas à morte, sempre foram discutidas em vários campos de estudos. A morte era um acontecimento aguardado, não se morria sozinho, morria-se em casa, velava-se uma morte ao lado dos que partiam (SCHUMACHER, 2009, p 15). Não havia medo e sim um adeus esperançoso a algo melhor. Os corpos eram velados nas salas das residências, cômodos destinados a receber os visitantes para velar o defunto e acolher com resignação sua morte. Nas paredes das salas, geralmente as famílias colocavam fotos dos familiares que já haviam partido como uma lembrança que dava visibilidade ao corpo físico não mais existente, completando um cenário propício para esta ocasião, visto que os ancestrais pareciam aguardar o defunto, que repousava em um caixão colocado sobre a mesa. O local era devidamente ornamentado com tecidos preferencialmente de cor preta, roxa e branca, expressando tristeza, pois condizem com a ocasião, flores normalmente brancas e amarelas, representando paz e esperança e velas sempre acesas iluminando os novos caminhos do defunto. Um representante da igreja encomendava o corpo a Deus e celebrava-se a morte daquela pessoa, pela esperança de que certamente estaria bem acolhida em sua nova morada. Criava-se um ambiente fúnebre, através de um cenário com decoração visual acolhedora e envolvente. Um ambiente com um visual artisticamente elaborado, cuja decoração mostrava uma arte fúnebre bastante representativa. Sua alma alcançaria a redenção e assim estaria completo o ciclo, traçado desde o seu nascimento. Após o corpo ser velado, era levado em procissão até o local do sepultamento.

Hoje, ao perceber a chegada da morte, na maioria dos casos afasta-se a pessoa do convívio familiar. Em hospitais, os médicos e enfermeiros são designados a acompanhar a pessoa em seus últimos momentos de vida e tentar impedir a chegada da morte, que em algum momento será inevitável. A morte não é bem vinda. Os mortos de algum modo são excluídos da comunidade dos vivos (SCHUMACHER, 2009, p. 15). Não pensamos a morte como um degrau da vida, não há um preparo, como que para um encontro, uma descoberta, um novo aprendizado. Parece que ocorre uma tentativa de esquecer as coisas que a lembram.

Os seres humanos através de um processo consciente formam conceitos, têm consciência do seu dever e de seu poder morrer e da sua relação com os mortos, transitando assim em um mundo de crenças em outras vidas, em elaboração de ritos fúnebres e revolta contra a morte (SCHUMACHER, 2009, p. 20). Assim, visto que a morte é algo real e presente e tendo consciência de que não pode eliminá-la de sua existência, o ser humano tenta construir locais fúnebres, na tentativa de que sua presença esteja condicionada a estes espaços físicos. Locais onde são realizadas celebrações, objetivando a redenção e o porvir do defunto. Entendo que as celebrações fúnebres são realizadas em espaços já pré-estabelecidos como evocações de fé, para que o defunto seja bem acolhido em outro plano, o qual é criado pela imaginação humana. Objetivam um processo de enaltecimento da vida terrena do defunto, para que a finitude de sua vida, o leve ao descanso eterno.

As igrejas, capelas e cemitérios, locais mais utilizados para celebrações fúnebres e sepultamentos, apresentam símbolos, imagens, palavras e arquiteturas de construções tumulares, que transmitem sentimentos de esperança na redenção e no porvir, pois após a finitude da vida, tudo se resume a incógnitas, que assumem sentidos respaldados pela crença de cada indivíduo. Pela tradição cristã, o corpo é visto como uma habitação transitória da alma, ocorrendo à separação após a morte. A memória existente de alguém que já se foi pode então ser cultivada no local onde estão seus restos mortais, daí a importância de espaços fúnebres físicos, pois expressam a ideia de continuidade, nestes espaços de memória (NASCIMENTO, 2013, p. 250).

Os ritos fúnebres são utilizados como recursos do não apagamento daquela existência e também como representação de poder, na medida em que exercem um poder simbólico e atuam no imaginário coletivo e individual. O simbolismo presente nas representações e nos objetos utilizados permite que valores e atitudes específicas atuem como perpetuadores da memória. Os cortejos fúnebres reforçam a legitimidade dos funerais e os jazigos expressam a importância do

defunto (NASCIMENTO, 2013, p. 250). Favorecem a proliferação de rituais, de celebrações, que visam ostentar a dignidade do morto e legitimam a ritualização das cerimônias. Relações de poder se sustentam e se perpetuam por uma variedade de recursos simbólicos, imagéticos e comportamentais usados nas cerimônias. As celebrações fúnebres são verdadeiras representações teatrais, onde estão presentes diversas concepções perante a morte. Enfim, não basta morrer, temos que dar visibilidade à morte, celebrar o momento de quem partiu, criando visuais com poder de envolvimento e persuasão dos participantes, pois um dia as posições serão invertidas.

Algumas crenças utilizam-se magistralmente do artifício da persuasão, pelo recurso das imagens e construções tumulares, que exercem grande poder visual em locais considerados sagrados. Muitos túmulos em igrejas são históricos e caracterizados por magníficas obras de arte, processos criativos, onde o artista através de seu trabalho suscita o espectador a estar envolvido no espaço temporal de vida da pessoa ali sepultada, assim como em seu histórico de vida e a motivação para seu corpo ocupar um espaço físico privilegiado após sua morte. Cito como exemplo, a Necrópole do Vaticano, formada por um conjunto de túmulos e mausoléus atualmente subterrâneos, onde se encontra o túmulo de São Pedro, localizado sob a Basílica de São Pedro, no Vaticano. Esta majestosa arte tumular, além do caráter religioso da visita, é bastante interessante do ponto de vista histórico, arquitetônico e artístico. O túmulo de São Pedro está localizado abaixo do magnífico e impressionante Baldaquino que compõe o altar, uma obra prima técnica e artística, em bronze, que atrai de imediato o olhar dos visitantes, tanto pela altura de quase trinta metros, quanto pelo exuberante desenho das colunas, cheio de energia e movimento próprios do Barroco. Projetado e construído por Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), escultor e arquiteto italiano, considerado a maior expressão do barroco.

A Basílica de São Pedro, embora sendo um local de culto religioso em primeiro lugar, se torna também um ponto turístico de exuberante beleza arquitetônica e artística, incluindo os túmulos e as esculturas fúnebres que ali estão, como a Pietà de Michelangelo, 1499, em mármore, uma das mais conhecidas obras do autor. Impressiona a beleza da escultura e a técnica do artista ao trabalhar com o mármore, além do modo como representa a morte, na cena bíblica, onde a Virgem Maria segura seu filho Jesus Cristo, em seus braços, já sem vida. A imagem fúnebre transmite força, beleza e serenidade simultaneamente, mostrando ideais de beleza clássica, típica do Renascimento.

Assim, é impactante como os processos artísticos visuais, tornam as representações da morte tão maravilhosas. São obras que se eternizam, ultrapassam barreiras temporais, tornam-se atrações turísticas.

Todo o construir de um cenário de acolhimento para a morte, requer pensar nos objetos que serão inseridos nas celebrações, nas capelas e nos lugares de sepultamentos, assim também, como a forma visual e as cores que serão vistas nestes objetos e construções. Vale destacar no quadro a seguir o simbolismo de algumas cores utilizadas em ambientes onde a morte é celebrada.

SIMBOLISMO DAS CORES NO CONTEXTO DA MORTE¹		
1	BRANCO	<p>Algumas culturas, com destaque as orientais, como China, Índia e Japão, utilizam a cor branca em funerais, para transmitir busca pelo silêncio, tranquilidade, reflexão e paz em momentos difíceis.</p> <p>No Brasil, percebe-se que já é frequente vestir-se com a cor branca principalmente em mortes violentas, na tentativa de pedir a paz.</p>
2	AMARELO	<p>Cor bastante usada pelos egípcios em funerais, para demonstrar luto e sofrimento pela perda. O uso da cor amarela está associado às folhas e flores secas que caem das árvores, marcando o fim de um ciclo da vida e simbolizando lágrimas ao chorar pela saudade do ente falecido.</p>
3	VERMELHO	<p>Na cultura africana, é notório o uso da cor vermelha demonstrando o luto e a dor da perda de um membro da comunidade.</p> <p>Relaciona-se a derramamento de sangue. A cor vermelha é a cor do luto comumente reconhecida desde a época do Apartheid (finais da década de 1940 a início da década de 1990).</p>

¹ Cores heráldicas.

4	AZUL CELESTE	<p>Cor muito significativa para povos da Síria e Irã nos funerais, pois alude à cor do céu, considerado lugar para onde as pessoas falecidas seguirão após a morte.</p> <p>Demonstra uma relação com divindades relacionadas a crenças individuais ou coletivas e sempre mostrando a elevação do pensamento e idealizações criadas pela fé.</p>
5	PRETO	<p>Muito presente nas culturas ocidentais e com origem nos povos romanos, através de uma toga preta em situações de luto. Assim também com destaque no Brasil por ter sido colonizado pelos portugueses. A cor preta está relacionada ao sentimento de perda de quem amamos, demonstra luto e está associada à escuridão, cor da noite, da tristeza e do sofrimento pela perda de um ente querido.</p>
6	ROXO	<p>Cor que demonstra além do luto, a dor da perda de um ente querido. Sempre está associada aos hábitos de luto na cultura ocidental. Usada com frequência nos trajes que os religiosos utilizam em ritos fúnebres.</p>

No Mosaico 3, estarão visíveis celebrações, redenções e porvir, em locais projetados pelo homem, como sendo lugares para acolher a morte e múltiplas possibilidades artísticas nos momento da finitude da vida. Lugares onde os vivos celebram e enaltecem a memória de quem chegou ao fim da vida, pedindo pela sua redenção e com fé em que o porvir será um local aprazível. Sentimentos que tomam formas visuais em rituais, espaços construídos, pinturas e esculturas.

MOSAICO 3: CELEBRAÇÃO, REDENÇÃO E PORVIR.



CORPO SENDO VELADO NA RESIDÊNCIA

| A morte sendo acolhida como um acontecimento natural, já aguardado na estrada da vida. Os velórios ocorriam nas residências e os corpos ficavam totalmente visíveis. O padre encomendava o corpo e no local sempre havia um crucifixo. Presente também duas lanternas processionais e uma humilde coroa de flores, que mostra a condição social da família. Todos os familiares participavam das orações, segurando velas, inclusive as crianças, para que o novo caminho fosse iluminado. *Crianças acompanham o funeral de Maria Fetten Toldo em 1900, em Caxias. Foto: acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, divulgação.*

Fonte: Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2016/03/memoria-a-morte-como-ela-era-4993752.html>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CAIXÃO SENDO CARREGADO ATÉ O LOCAL DO SEPULTAMENTO

| Após o corpo ser velado, ao que tudo indica na residência, as pessoas que eram mais próximas do defunto (parentes e amigos), faziam questão de segurar na alça do caixão e caminhavam pelas estradas, levando o corpo até o local do sepultamento. Era um acontecimento social importante, tanto que todos faziam questão de estar presentes. Usavam trajes formais, condizente com a ocasião, visto ser uma última homenagem. *Cortejo fúnebre de Bortolo Mascarello em 1951 no Travessão 7 de Setembro, Flores da Cunha. Acervo Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami/divulgação*

Fonte: Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2016/03/memoria-a-morte-como-ela-era-4993752.html>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

(Foto: Reprodução / arquivo Dona Leila Coelho)



**Um Cortejo Fúnebre na Macapá de outrora.
Pioneiros levavam seus parentes a pé.
<http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/>**



CORTEJO FÚNEBRE EM MACAPÁ | Observa-se um caixão saindo de uma humilde residência, onde provavelmente o corpo foi velado. Na imagem impacta a cor branca na vestimenta da maioria das pessoas, transmitindo a sensação de paz e de tranquilidade no momento que representa o adeus ao defunto. A morte parece ter sido acolhida com naturalidade, como se fosse um fato já esperado. Todos mostram a fisionomia de tristeza, porém estão em um posição através da qual transparece o desejo de registrar o momento, como um acontecimento único, o qual na verdade o é.

Fonte: Disponível em:
<<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2013/11/um-cortejo-funebre-na-macapá-de-outrora.html>>.
Acesso em: 20 fev. 2022.

THOMAS COLE, O JARDIM DE ÉDEN, 1828 | Pintura de paisagem, do estilo Romântico, que cria em nosso imaginário o lugar a nos receber após nossa morte. Não se sabe o que o porvir trará, mas sempre devemos ter a esperança de um lugar acolhedor em nosso imaginário. A imagem integra a vida humana às belezas naturais compartilhando de um belíssimo visual, como se fosse um lugar idealizado em sonhos. A natureza é deslumbrante. Ao fundo abre-se um clarão como se fosse à luz celestial acolhendo e abraçando, pondo fim a todas as dificuldades enfrentadas durante a vida.

Fonte: Disponível em:
<<https://institutopoimenica.com/2012/08/01/o-jardim-do-den-thomas-cole/>>. Acesso em 10 mar. 2022.



ESTÁTUA DO CRISTO REDENTOR, 1931, RJ | Redenção sendo o ato de redimir, liberta, reabilita e salva. Assim, teologicamente a redenção é o resgate da humanidade por Jesus Cristo, cuja vida, morte e ressurreição têm um poder redentor, dando a certeza da vida eterna, após a morte de nosso corpo físico. A imagem do Cristo Redentor é uma estátua Art Déco, que retrata Jesus Cristo, com os braços abertos, formando uma imagem em forma de cruz e simbolizando o cristianismo no Brasil. Transmite sentimento de esperança, tendo a paz e o amor, como o único caminho para salvação e redenção dos pecados. A cor clara também reforça o aspecto visual e a mensagem a ser transmitida. A imagem é do Cristo é uma imagem fúnebre, que acolhe a todos de braços abertos, sem distinções e tornou-se uma atração turística na cidade, porém raramente é entendida como um monumento fúnebre.

Fonte: Disponível em:
<http://visit.rio/que_fazer/cristoredentor/>.
Acesso em 10 mar. 2022.



WALTER BRITO, JOÃO CÂNDIDO, 2008, PRAÇA XV DE NOVEMBRO, RJ | Embora pronta a algum tempo, a estátua fúnebre em bronze, com 2,0 m de altura, não estava no devido lugar, já que para a Marinha, João Cândido não seria um herói, pois rebelou-se contra seus superiores. Ficou guardada no Museu da República, até que o presidente Lula, como reparação de erros passados, assinou a anistia póstuma ao ex-marinheiro, alcançando assim a redenção pela sua luta. A cor escura da escultura lembra os castigos em forma de chibatadas sofridos pelos marinheiros e contrasta com os prédios à sua volta, todos em tons claros. Com o braço direito estendido na direção do chão, a mão segura o leme de um navio, palco da Revolta da Chibata, como que se o objeto mostrasse a derrota da Marinha e o braço esquerdo erguido com a mão apontando aos céus, demonstra agradecimento por alcançar o objetivo.

Fonte: Disponível em:
<<http://www.sabercultural.org/template/ArteBrasil/Escultores/Esculturas-do-Acervo-Brasileiro-8.html>>. Acesso em: 10 mar. 2022.



UNÇÃO DOS ENFERMOS | Outrora chamada de extrema unção. Efetivamente não é um sacramento da morte, mas se a mesma pode ocorrer, a pessoa está entregue nas mãos de Deus. Recebido em vida, é marcado pela vontade do doente ou de familiares, de querer recebê-lo. Sacramento da Salvação total do corpo e do espírito ao mesmo tempo. Sacramento que celebra a esperança na redenção, visto que ajuda o doente a se entregar confiante nas mãos de Deus. O doente pode receber o sacramento, em casa, no hospital ou em qualquer outro local. São feitas orações, aspergindo a água benta. Nada impede que receba o sacramento mais de uma vez, se houver recuperação do doente. O padre transmite tranquilidade e esperança através da palavra e de sua vestimenta branca.

Fonte: Disponível em:
<<https://vocacionalbrasil.oblatassr.org/wp-content/uploads/2015/03/uncao-dos-enfermos-3.jpg>>. Acesso em 18 mar. 2022.



CELEBRAÇÃO DE MISSA DE 7º DIA, PELA ALMA DO PE NELITO DORNELAS, NA CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO, EM GOVERNADOR VALADARES/MG, 09/02/2021 | A imagem nos mostra a veste do celebrante na cor roxa, que remete ao luto e os demais participantes da celebração com estolas na cor roxa, porém as vestes predominantemente brancas que indicam sentimento de repouso e paz. O altar transmite tranquilidade pela oração coletiva, que fortalece e é saudável e pelo visual esteticamente acolhedor. A missa de 7º dia é um ritual fúnebre cristão para passar pelo processo de luto e amenizar a perda de um ente querido. Através de preces, pede-se que sejam livres de seus pecados e pela misericórdia de Deus alcancem a vida eterna.

Fonte: Disponível em:
<<https://diocesevaladares.com.br/missa-de-7o-dia-do-pe-nelito-dornelas-na-catedral/>>. Acesso em 18 mar. 2022.



Celebração de missa de corpo presente do Pe. José Geraldo da Fonseca | O jugo dos rituais: por este registro da missa de corpo presente percebemos características distintas da finitude da vida. A imagem fornece elementos visuais que nos indicam os cânones referentes à fé cristã. A cerimônia atende aos enlutados e nela nota-se o cardeal presidindo a cerimônia e religiosos como padres, diáconos e ministros, auxiliando os fiéis ali presentes para o enfrentamento da perda de uma vida. Neste contexto percebemos as cores heráldicas na indumentária dos oficiantes da missa. O cardeal que preside a cerimônia e um padre, usam vestes na cor roxa que nos remete a símbolos da finitude da vida. Os outros religiosos participantes usam a cor branca, que simboliza a paz e a alegria de estar ao lado de Deus Pai. O corpo é incensado, representando a oração dos fiéis, que é vista pelo aroma e pela fumaça, que sobem aos céus. O círio pascal, uma vela grande e grossa também é um objeto que representa a luz de Cristo. O corpo é aspergido com água benta, que é símbolo da vida e perdão dos pecados. Também são feitas leituras bíblicas condizentes com a ocasião.

Fonte: Disponível em:
<<https://saojoseacesita.com.br/noticia/missa-de-corpo-presente-do-pe-jose-geraldo-fonseca/>>.
Acesso em: 18 mar. 2022.



Túmulo em cemitério na cidade de Tomar, Portugal | Apesar do espaço físico para os sepultamentos ser pequeno, o espaço cemiterial é muito limpo, acolhedor e organizado. Chama a atenção o túmulo da imagem. Apesar da aparência singela, é muito significativo, pelo aspecto visual de uma construção rústica, na qual o material usado imita pedras em seu estado bruto, sem nenhuma lapidação. Construção criativa, visto que ocorre uma visível intenção de mostrar a integração do homem com a natureza, mesmo após o corpo não possuir mais vida, assim como as pedras que mesmo sem nunca serem seres viventes, são belas e integradas aos recursos naturais. A imagem transmite a sensação de que os corpos agora sem vida são abraçados pelas pedras e ali desaparecerão. Notável também a forma verticalizada do túmulo apontando para o céu, um livro que parece ser uma bíblia e a cruz construída imitando pedaços de madeira em seu estado bruto. A madeira que um dia já possuiu vida, agora também já sem vida, forma a cruz, que afixada de forma vertical, direciona o olhar para o céu. O porvir que sempre será uma incógnita para os viventes.

Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva. Acervo da autora.



Nossa Senhora da Boa Morte, Sé Nova de Coimbra, Portugal | Localizada no Retábulo da Vida da Virgem, a escultura chama de imediato a atenção. O retábulo é envolvente pelo seu tom dourado, pela sua estética, pelos motivos vegetalistas e pela imagem central da parede ao fundo que retrata a Assunção da Virgem (elevada aos céus de corpo e alma). A vida e a morte entrelaçadas através das imagens, que descrevem passagens da vida da Virgem Maria. A escultura de Nossa Senhora da Boa Morte fica no centro do retábulo, apoiada no chão. A imagem dá a sensação de que a Virgem dorme em um barco, o qual faz o transporte de seu corpo para os céus. A escultura proporciona a celebração da morte como algo prazeroso, pois é o adormecer em um sono eterno. Sono que leva a redenção, pela passagem desta vida para a vida eterna e a certeza de um porvir santificado. Esculpida em madeira e pintada em tom dourado, assim como suas vestes também douradas, atrai a atenção pela beleza e pela mensagem que transmite

Fonte: Foto de Beatriz de L. L. Silva. Acervo da autora.



A DEPOSIÇÃO DE CRISTO, CARAVAGGIO, 1603-4, PINACOTECA VATICANA, ROMA | Maravilhosa pintura do artista, onde a morte é celebrada como um ato de redenção, pois Cristo morreu pela salvação da humanidade. A cena impacta pela dramaticidade, abordada de maneira naturalista e com imagens realistas. A técnica do claro e do escuro adicionando volume às figuras e tenebrismo ao mostrar um drama real, expõe a cena de dor e sofrimento. Cristo é retratado em sua humanidade. Chama atenção o contraste entre as cores e a relação das mesmas com as três virtudes: o vermelho, indicando a caridade; o verde escuro, a esperança e o branco da mortalha, que realça o corpo sem vida, indicando a fé. Uma luz transpassa o quadro, ressaltando o corpo de Cristo, indicando ser a transposição da luz divina iluminando a cena, assim como a luz da salvação. Demonstrando assim que a morte deve ser vista como algo iluminado, belo, um ato de passagem e libertador.

Fonte: Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Sepultamento_d e_Cristo_\(Caravaggio\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Sepultamento_de_Cristo_(Caravaggio))>. Acesso em: 04 maio 2022.

5. REPRESENTAÇÕES FÚNEBRES NOS LUGARES PARA MORTE E O MORRER NA BAIXADA FLUMINENSE.

Os lugares para a morte são locais de memória, marcados por representações fúnebres. “Os locais de memória podem ser interpretados como uma ponte que liga os vivos aos mortos” (NASCIMENTO, 2013, p. 253). Ocupam espaços onde a morte reflete a vida passada e talvez uma futura.

Esses lugares criados para a morte são sempre bastante simbólicos. Religiões e sistemas filosóficos tentam construir um antídoto para a certeza da morte através da razão reflexiva e procurando capacitar o homem a encarar a morte serenamente (SCHOPENHAUER, 2013, p. 4). No decorrer da história, a humanidade sempre viveu rodeada de símbolos, os quais traduzidos por uma imagem visual representando uma ideia tornam-se verdades universais, que de certa forma favorecem ao mundo se tornar transparente (MIGLIORI, 2016, p. 16). A representação fúnebre é envolvida por uma realidade simbólica artística: a arte do gesto evocativo; a arte de bem empregar a palavra; a arte na construção e ornamentação do espaço fúnebre; a arte nas vestes e objetos utilizados nas celebrações. O participante imerge em uma transcendência espiritual, pois os símbolos remetem os fiéis ao encontro com Deus.

Nos ritos de exéquias, a missa de corpo presente e o sepultamento, são ritos litúrgicos relativos aos funerais cristãos da Igreja Católica. Todos os participantes são induzidos a viver uma celebração, que é uma verdadeira instalação artística, pois se mostra visível todo um processo criativo com o objetivo de incluir a todos no acontecimento, que constantemente rodeia a vida, abrindo também questionamentos. São utilizados objetos, imagens, palavras que clamam

pela participação do espectador na representação. A igreja encomenda o defunto a Deus e o celebrante usa vestes sagradas, onde a cor roxa representa um sinal de luto rigoroso relacionado à morte dos fiéis defuntos (MIGLIORI, 2016, p. 48). Todos os participantes do evento fazem parte daquele cenário e, portanto, integram o evento artístico fúnebre.

No Rio de Janeiro, mais precisamente na baixada fluminense, local onde nasci e até a presente data resido, alguns lugares como cemitérios, capelas e igrejas, deixam sua marca como lugares para a morte, pois são locais onde o morrer se faz visível. Todo um processo artístico relacionado ao morrer se faz presente na apresentação dos rituais religiosos fúnebres, nos vitrais religiosos das igrejas, nas imagens de santos e nas obras arquitetônicas das igrejas, capelas e cemitérios e até em um caminhar despretenso pela cidade.

Num simples caminhar passo por ruas e praças, as quais em sua grande maioria são denominadas por nomes de pessoas falecidas, muitas das quais tiveram fortes ligações com a localidade, induzindo a uma reflexão e a criação de um imaginário sobre aquela pessoa e a memória que aquele nome carrega, materializando assim a morte naquele espaço.

Vejo nas imagens formadas pelas praças, ruas, casas, muros, manifestações de arte urbana fúnebre, na medida em que induz a lembrança, a presença de um fato ou de uma pessoa que mesmo no mundo dos mortos, ainda tem seu lugar entre os vivos. São representações distintas, que têm o poder de transformar o desenho da paisagem, revigorando a cidade e produzindo atmosferas que abrangem dimensões físicas e metafísicas, ressaltando a inconformidade com a finitude da vida, explícitas no cotidiano do tecido urbano. Porém o que muitas vezes impõe distanciamento e cria o sentimento de não pertencimento do espaço, é a não participação popular nas discussões sobre a importância da criação e escolha desses lugares, assim como suas denominações. Os espaços físicos determinados para se pensar o morrer, proporcionam o surgimento de inúmeras simbologias, que inspiram elos de memórias, incentivando celebrações de reconhecimento ou repulsa pelas vidas que já se foram.

A construção de paisagens guiadas por estas reflexões fúnebres mostram espaços onde o silêncio, o inanimado, o sombrio ganham espaços e destaque na arquitetura de lugares como os cemitérios, onde a desolação, a tristeza, a inconformidade estão presentes e definem limites claros aos vivos, pelo fim da existência do outro e da sua própria existência. Talvez não seja o fim da vida que torna a morte tão temível para o ser humano e sim a destruição do

organismo, sentida nas doenças ou na velhice. A morte consiste apenas no instante em que a consciência não mais existe, pela inatividade do cérebro (SCHOPENHAUER, 2013, p. 10).

Nas cidades contemporâneas a vida convive com a morte, embora muitas vezes a sociedade queira não ver os lugares da morte, limitando seus espaços a locais dedicados a ritos cerimoniais. Mas sabemos que a morte nos acompanha a cada momento, seja nos meios de comunicação, através de sites de notícias e redes sociais, nos acompanhamentos de velórios e missas, no traçado urbano construído para nossas necessidades de convivência, enfim por onde transitamos fisicamente e mentalmente. Assim a sociedade cria formas de se relacionar com seus mortos, através de dimensões simbólicas pelas quais a morte e o morrer, representados pelas artes visuais se conectam a sociedade. Estas construções geram produções materiais que envolvem artefatos e ritos religiosos, resultando em obras de arte que se tornam parte da paisagem.

Na cidade de São João de Meriti, local onde resido, destaco alguns lugares onde o morrer se mostra mais pulsante, sendo um deles visualizado através de uma significativa pintura mural, uma arte de rua, uma homenagem póstuma ao marinheiro João Cândido, na Rua Turmalina, lote 18, quadra 50, bairro Coelho da Rocha. Representação na arte urbana, que é favorável a visibilidade e contemplação de obra fúnebre, fora dos lugares ditos “consagrados” a manifestações artísticas.

O muro da casa onde ele viveu por quase quatro décadas e foi sua última morada foi decorado com pinturas, retratando momentos marcantes do que ficou conhecido na história, como a Revolta da Chibata (1910). O artista Cazé foi convidado a realizar este trabalho artístico, no qual foram enquadradas cenas do cerco ao governo, imposto por navios comandados pelo “Almirante Negro”, exigindo o fim dos castigos e também a cena onde ele segura a decisão do governo pondo fim às chibatadas, além de uma magnífica imagem do marinheiro João Cândido. Homenagem reconhecida e aceita por Adalberto Cândido, seu único filho vivo e residente no local. Segundo o subsecretário de Direitos Humanos e Igualdade Racial, juntamente com a secretária de Cultura do município Roberta Queiroz, o local será um ponto turístico da cidade: “É um resgate da história que não deve ser apagada, é uma luta não apenas de Meriti, mas do negro, do Brasil”. A inauguração da obra aconteceu dia 05 de fevereiro de 2021².

Ainda tendo como referência o marinheiro João Cândido Felisberto, e como citado no capítulo 4, ocorreu dia 20 de novembro de 2008 (Dia da Consciência Negra), uma homenagem

² Disponível em: <https://meriti.rj.gov.br/home/arte_marinheiro/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

póstuma, através de uma estátua inaugurada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na Praça XV de Novembro, Rio de Janeiro, à beira mar, local que marca onde ocorreu a Revolta da Chibata. É um monumento fúnebre carregado de simbolismos, pois retrata uma luta pela vida, pela justiça e igualdade de direitos. Estátua que devido à resistência da Marinha, por considerar o marinheiro, chefe de um motim contra a hierarquia, estava desde 2007 no Museu da República. Lula na ocasião disse: “Não sei quantos brasileiros hoje teriam coragem de se rebelar contra seus comandantes”, ressaltando também que João Cândido era um “homem negro que foi perseguido por ter consciência política” (POGGIO, 2008). A estátua, de propriedade pública, é uma escultura em bronze, com pedestal revestido de granito, do artista Valter Brito e mostra a inserção de uma escultura fúnebre no traçado urbano da cidade (AGENCIA ESTADO, 2008).

Embora falecido em 1969, João Cândido estará sempre na memória dos brasileiros e principalmente dos moradores de São João de Meriti, os quais retratam esta lembrança através de homenagens póstumas ao mesmo, com nomes em espaços de cultura, como o Espaço de Cultura e Direitos Humanos João Cândido Marinheiro; centros de formação, como o Centro de Formação Marinheiro João Cândido; nome de rua, como a Rua João Cândido, além da reforma de uma residência histórica do início do século 20, onde residiu o antigo embaixador de Portugal no Brasil - Martinho Nobre de Melo, no Morro do Embaixador, bairro Vila São José - São João de Meriti, cuja obra está em execução e abrigará o Museu Marinheiro João Cândido.³ Todos estes espaços são espaços fúnebres, onde através de projetos educativos, sociais, culturais, arquitetônicos e artísticos, a memória de um líder não será esquecida.

Outro lugar bastante significativo e conhecido por toda a população de São João de Meriti, como o espaço físico criado para os defuntos, são os cemitérios locais. São espaços físicos com forte representatividade visual e histórica e independente da posição social ou do credo das pessoas, estes locais estão acoplados ao espaço urbano da cidade, como uma atração visual pertencente e acessível a todos. Porém as análises sobre as representações materiais e imateriais vistas nestes locais são bastante diversificadas, pois as arquiteturas para acolher os restos mortais podem ser vistas como um lugar agradável para uns e repugnante para outros.

Na cidade de São João de Meriti existem cinco cemitérios: cemitério municipal de Vila Rosali, cemitério municipal de Éden, cemitério municipal São Lázaro (Venda Velha), cemitério Israelita de Vila Rosali (Velho - década de 1920) e cemitério Israelita de Vila Rosali

³ Disponível em: < <https://meriti.rj.gov.br/home/embaixador/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

(Novo - década de 1960). Sempre fiquei curiosa sobre estes locais, visto que minha residência é bem próxima e possibilita a visão do cemitério municipal de Vila Rosali. Um fato interessante é que neste cemitério as construções tumulares são em sua grande maioria na cor branca, ou cores claras, transparecendo um estado de paz infinita. Porém, é lamentável o estado de conservação do local, que não é bem cuidado.

Fica visível nas sepulturas a posição social e a crença de quem morreu, assim como dos familiares, visto que muitas vezes são sepulturas bastante simbólicas e com trabalhos arquitetônicos e artísticos bastante significativos. Compondo este objeto artístico fúnebre, temos as lápides, que colocadas sobre as sepulturas mostram inscrições gravadas em pedra, citações que eternizam mensagens de homenagens e memórias. Em tons de reflexão sobre a morte, as inscrições nas lápides abordam o amor, a saudade, o descanso e a eternidade, podendo ser usadas citações de escritores, cantores, humoristas, pensadores, artistas ou mesmo criações dos próprios familiares ou desejo do defunto, fazendo parte de toda a composição artística do túmulo e mostrando assim o acabamento da obra, conectado com a finitude da vida.

Como um fator determinante e assim marcante em toda nossa existência, as diferenças entre os seres humanos se mostram presentes do nascimento até a morte, visto o visual dos túmulos, já que uns se mostram através de inegáveis obras de arte e outros em um espaço de terra no chão ou em uma gaveta, só identificados por uma cruz e um número. Interessantes também são os ossários, espaços de memória que guardam uma parte corporal do defunto, na certeza de que assim, aquele ser mesmo morto ainda estará no mundo dos vivos. Os ossários mostram painéis com fotos, datas e dizeres muito significativos, sendo mais uma alternativa de eternizar a imagem da pessoa em nossa memória, como se o tempo congelasse naquele momento.

Próximos ao cemitério municipal de Vila Rosali, estão localizados os dois cemitérios israelitas de Vila Rosali. São espaços fúnebres destinados ao sepultamento de membros da comunidade judaica, porém nos dias atuais, os sepultamentos são raros por se encontrarem superlotados. Um sepultamento bastante significativo e não muito distante no tempo ocorreu pelo falecimento em 21 de julho de 2015, de Aleksander Laks, 88 anos, nascido na Polônia, porém com dupla cidadania, sobrevivente do Holocausto e morador do Rio de Janeiro, sendo realizada uma cerimônia na Sinagoga de Copacabana e seu corpo enterrado no dia 22 no cemitério israelita de Vila Rosali.

O cemitério israelita velho foi o primeiro cemitério judaico no Rio de Janeiro. Fundado em outubro de 1920, quando a associação religiosa Chevra Kadisha do Rio de Janeiro, que cuida dos funerais judaicos, adquiriu o terreno ao lado da via férrea, no atual município de São João de Meriti. No ano seguinte foi inaugurado, já sendo estabelecido junto à prefeitura local, que não haveria exumações e até hoje é uma das principais necrópoles de referência para a comunidade judaica. Nele está localizado o Memorial do Holocausto, citado como o mais antigo memorial do holocausto das Américas, inaugurado em 1947, e que de acordo com um mito propagado, abriga em seu interior uma urna, onde se encontram barras de sabão resgatadas de campos de extermínio, supostamente confeccionadas com a gordura corporal de prisioneiros, sendo assim chamado por muitos de Memorial do Sabão, forma pouco digna, ao fazer referência aos judeus mortos (FERREIRA, 2019). Existe um filme de 1947, denominado “Enterro do Sabão”, que mostra a cobertura da chegada de uma caixa contendo barras de sabão, na inauguração do primeiro Memorial do Holocausto nas Américas, matéria na edição 644 de MENORAH, de maio de 2013.⁴

Os monumentos fúnebres promovem intervenções nas paisagens e sua permanência no local, indica que o resultado do luto não é o esquecimento. O luto não é uma doença, é parte da vida, porém sentimos dificuldade em nos integrarmos ao momento (BARTHES, 2011, p. 8). São objetos no espaço que denotam e associam imperativamente conteúdos a formas plásticas. Ao visualizar um monumento o espectador é absorvido esteticamente e filosoficamente pelo que está observando, em uma dimensão imagética. O memorial do holocausto celebra os judeus mortos, mostra cicatrizes e iguala a todos na dimensão de mortais, independente de idade, nacionalidade ou posição social. No cemitério existem duas estruturas que não são túmulos: uma é o Memorial do Holocausto e a outra o Jazigo da família Guertzsenstein (ROITBERG, 2015).

O Memorial do Holocausto é um significativo monumento artístico fúnebre, formado por uma estrutura bege e branca com uma cúpula preta encimada por uma estrela de Davi, localizada na rua central do cemitério. O monumento se apropria de uma forma, a qual dá corpo à última manifestação explosiva da vida e intensifica o sentimento de uma morte coletiva. Parece ter sido desenhado com a finalidade de lidar com as marcas do terror e restaurar nelas uma civilidade consciente. Assimilar a percepção de perda, vertendo essas formas para uma experiência que nunca é alheia, vivendo o terror e o temor e recolocando ao visitante sua ética,

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9uHbGWNbw6o>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

em relação ao passado, presente e futuro. Porém a vida segue e a metrópole parece envolvida em uma cosmética, que impossibilita a humanidade, a percepção de também ser homenageada em outra catástrofe humana.

Ao percorrer os caminhos abertos entre as sepulturas em um cemitério, observamos os que ali tiveram seus corpos sepultados, visto que estes mortos ainda não abandonaram o território dos vivos, eles ainda falam conosco e nos fazem penetrar em seu mundo. O monumento vai de encontro ao olhar, se torna incontornável: o passado está entre nós, não está pacificado, nem repousa. Mesmo que diferenciado, o monumento da casa dos mortos pertence ao terreno da vida, pois as coisas são entremeadas. São construções que formatam o luto, necessárias a promover a projeção de uma energia psíquica, visto a ausência do objeto amado. Ocorrendo então à transferência para este novo objeto, e assim uma substituição, uma intercessão entre a inquietude do observador e o objeto.

Outro espaço físico em São João de Meriti que identifique marcante para pensar o morrer, é a igreja matriz de São João Batista. Local que frequento desde pequena e que me absorve através de seus espaços, objetos, celebrações e imagens que celebram o morrer. O espaço físico da igreja que teve sua construção iniciada por volta de 1875 através de doações de moradores e comerciantes. Inclusive relatos históricos contam que a Princesa Isabel doou 30 contos de réis (moeda da época) e a pia batismal. A igreja é tão importante que ao ocorrer à emancipação do município em 1947, sua imagem consta no brasão e na bandeira da cidade.

Em 12 de abril de 1914, atrás da igreja, foi implantado oficialmente o primeiro cemitério local, denominado Cemitério da Irmandade Sagrado Coração. O pároco, padre João Casale deu a benção solene “do cemitério parochial alargado ao redor de quarenta palmos”, conforme consta no livro de Tombo da paróquia. Este local já era usado para enterramentos, por estar próximo a uma igreja. Em 1918, foi deliberado que o cemitério não seria mais do encargo da igreja e os sepultamentos passaram a ser cobrados por valores anuais. Na década de 1950 e 1960, a igreja sofreu grandes reformas, e a atual igreja matriz ocupou o lugar da antiga, desfigurando a forma original da igreja, que perdeu suas linhas arquitetônicas coloniais. Em 1960 foi inaugurado o novo cemitério municipal de Vila Rosali e as famílias que desejaram fizeram as transferências dos restos mortais de seus familiares (FARIAS, 2019).

O cemitério anexo à igreja foi totalmente destruído e no espaço por ele ocupado fica hoje o Salão Paroquial da Igreja Matriz de São João Batista, um prédio onde funciona uma escola

e uma Capela Mortuária. A Capela Mortuária da Paróquia de São João Batista, abriga um ossuário nas paredes laterais e ao fundo e também um túmulo com espaço para acolher só um sepultamento. Os corpos ali sepultados, assim como os ossos que ali estão guardados são de pessoas católicas, padres ou pessoas com atuação marcante na igreja.

Este espaço é muito interessante e merece um olhar especial. É um espaço seletivo, já que não está disponível para o sepultamento de qualquer corpo. Está aberto à visitação diária, porém visto só possuir um túmulo e o espaço do ossuário também ser limitado, normalmente só pessoas que frequentam a igreja ou quem tem os restos mortais de alguém da família é visto ali em momentos de oração. A Capela Mortuária mostra o cemitério como o santo dormitório dos mortos, e pela proximidade da igreja, parece aquecer a alma dos mortos, que só pela morte física têm acesso à vida eterna. É uma arquitetura fúnebre pertencente à igreja e mantida com doações dos fiéis. Tem uma leitura visual bem simples, clara e objetiva.

A igreja matriz também é um riquíssimo espaço fúnebre. Uma grande imagem de Jesus crucificado na parede do altar já impacta logo ao penetrar em seu interior, objeto que por si só representa a vida e a morte. À morte de Jesus Cristo na cruz, para os que acreditam, foi necessária para nossa salvação. Porém Ele ressuscitou e subiu aos céus, vencendo a morte. Fato que proporciona infinitas e maravilhosas obras de pinturas e esculturas, onde a morte e a ressurreição instigam o imaginário dos artistas.

Existem também na igreja, as imagens fúnebres de Cristo carregando a Cruz na qual foi crucificado, Cristo morto, N. Sr^a das Dores e imagens de Santos em martírio. É notório o poder de persuasão sobre os fiéis, pois o sofrimento e a morte geram compaixão e induzem o imaginário a recriar o acontecimento. Detalhes em alto-relevo nas paredes representam a via-crúcis, onde 14 imagens mostram desde a prisão e condenação de Jesus à morte, até seu sepultamento. O Papa João Paulo II sugeriu que fosse criada uma décima quinta estação, porém opcional, para recordar a ressurreição de Jesus. Essa sugestão do Papa mostra que a morte é bem vinda, pois não é um fim, e sim um começo para a vida eterna, para os que acreditam.

É importante afirmar a satisfação pela oportunidade de possuir estes lugares e objetos fúnebres em minha cidade, sendo estes acessíveis em meu dia a dia e alguns deles fazendo parte de minha trajetória de vida. Nesse sentido o Mosaico 4, que transita pelos lugares para a morte na Baixada Fluminense, aponta para registros significativos desta região, tanto pela leitura visual da forma arquitetônica e artística, quanto pelas histórias que carregam.

MOSAICO 4: LUGARES PARA MORTE NA BAIXADA FLUMINENSE.



CEMITÉRIO MUNICIPAL DE VILA ROSALI, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Não vejo o local com um lugar agradável, pois é perceptível uma perturbação visual, pela organização dos túmulos e pelos cuidados de limpeza. É notória a falta de espaços para os sepultamentos, os quais hoje ocorrem em sua maioria em gavetas. Estes espaços tumulares vistos na imagem são jazigos de família, adquiridos há bastante tempo. As cores predominantes nos granitos e mármore são as cores pretas e brancas, que perpassam por sentimentos de tristeza pela perda e de esperança em uma vida de paz e acolhimento no pós-morte. Sobressaem alguns túmulos em azul, remetendo ao celestial, o descanso eterno e também as flores nos túmulos, mostrando o sentimento de carinho e não esquecimento daqueles que não estão mais fisicamente entre nós.

Fonte: Disponível em:
<<https://mapsus.net/BR/cemiterio-de-vila-rosali-1405345>>. Acesso em: 28 abr. 2022.



CEMITÉRIO ISRAELITA VELHO, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Espaço físico adquirido em 1920 e inaugurado em 1921 que acolhe duas representações fúnebres marcantes: o notável mausoléu do rabino-chefe Guertzenstein, na cor escura, que pela forma e tamanho se sobressai no conjunto tumular, ressaltando a importância do defunto e o Memorial do Holocausto, homenagem marcante as vítimas. Notam-se os túmulos e monumentos voltados para o lado oposto à estrada, visto que na época, o transporte até o local era o trem. Ao saltar na estação entrava-se direto no cemitério. Com a construção do muro delimitando o espaço físico da estação e do cemitério, a entrada para o cemitério passou a ser do lado oposto, assim os túmulos ficaram de costas para a entrada.

Fonte: Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_Israelita_de_Vila_Rosali#/media/Ficheiro:Cemit%C3%A9rio_Vila_Rosali_Velho_03.jpg>. Acesso em: 28 abr. 2022.



CEMITÉRIO ISRAELITA NOVO, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Localizado quase que de frente para o cemitério israelita velho, surgiu pela necessidade de espaços para novos sepultamentos, visto que os corpos ali sepultados, ali permanecerão. Observamos que a construção dos túmulos em sua maioria obedece a um planejamento e que têm o visual semelhante, o que transmite a sensação de igualdade. Talvez por terem a mesma origem ou professarem a mesma fé. A cor escura vista nas pedras tumulares, ressalta sentimento de luto, de tristeza, mas a verticalidade das lápides sobre os túmulos, direcionando nosso olhar para cima, alguns com a estrela de Davi visível, denotam que ali não é o fim.

Fonte: Disponível em:
<<http://www.chevrakadisha.com.br/cemiterios/cemiterio-vila-rosali-novo/>>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MEMORIAL DO HOLOCAUSTO, CEMITÉRIO ISRAELITA VELHO, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Inaugurado em 1947, é o 1º Memorial do Holocausto nas Américas. O monumento na cor predominantemente branca transmite a esperança de que as vidas ceifadas tão cruelmente, façam parte de um passado que nunca será apagado. Destaque para a estrela de Davi, símbolo de grande valor para os judeus, sobreposta em uma na cúpula de uma abóbada, recurso bastante utilizado em construções na Roma antiga. Destaque para a simetria da construção e para o arco na parte superior da porta.

Fonte: Disponível em:
<<http://www.chevrakadisha.com.br/cemiterios/cemiterio-vila-rosali-velho/>>. Acesso em: 28 abr. 2022.



MAUSOLÉU DO RABINO CHEFE GUERTZENSTEIN, CEMITÉRIO ISRAELITA VELHO, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | A construção destaca-se pela opulência em relação aos demais túmulos, percebendo-se de imediato a importância da pessoa ali sepultada e a preservação de sua memória. O mausoléu está localizado na principal rua do cemitério e em plano superior aos demais túmulos. As escadas para chegar ao seu interior têm em seu topo colunas, sugerindo acolhimento e abraçando não só o corpo de quem se foi, mas também o imaginário dos que o observam. O monumento fúnebre tem uma dimensão bastante significativa, ressaltada pela cor preta e cinza em toda sua construção, induzindo a dor da perda. A parte superior é fechada com uma cúpula sobre uma base plana e quadrada, direcionando nosso olhar para o alto, como se esta morada não fosse o fim da vida.

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cemit%C3%A9rio_Israelita_de_Vila_Rosali#/media/Ficheiro:Cemit%C3%A9rio_Vila_Rosali_Velho_03.jpg>.

Acesso em 04 abr. 2022.



PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Esta é a atual vista frontal da igreja, visto que a construção sofreu muitas interferências ao longo dos anos. Local onde o cristão busca a paz, construída pela fé e alimentada pela esperança. Local que acolhe os cristãos do batismo, que é o início da vida em Cristo, até a missa de 7º dia, cerimônia fúnebre onde a alma do falecido é encaminhada para o descanso eterno. Em seu interior a presença de elementos diversos, como: uma grande imagem de Cristo crucificado, imagens de santos, vitrais com imagens bíblicas e quadros da *via crucis* nos conectam com a morte. A imagem nos mostra simetria na construção, onde as paredes são cortadas por várias janelas contendo vitrais e todas em forma de arco ogival. A porta de entrada em forma de arco romano também é contornada por um arco ogival. Todos os detalhes da construção apontando para o céu.

Fonte: Disponível em:

<<https://pt.foursquare.com/v/igreja-cat%C3%B3lica-s%C3%A3o-jo%C3%A3o-batista/4e0518d3d4c03ae0b9baf6b1?openPhotoId=54ee38cd498e994d5a61512a>>. Acesso em 04 abr. 2022.



ALTAR-MOR DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Disposto em frente à entrada principal, nele existe um grande crucifixo, símbolo de veneração, que lembra o sacrifício e a morte de Jesus Cristo, na tradição cristã. A morte na cruz mostra a resignação diante dos sofrimentos da vida e a aceitação do caminho que Deus destinou. Representa amor, doação. Porém a leitura mais importante da imagem é que a vida venceu a morte e a cruz é sinal de salvação. Na imagem exposta podemos ver o Bispo Dom Tarcísio Nascentes dos Santos, celebrando a missa na qual deu a posse a Frei Vanderley Grassi, como pároco. Por ser o momento de início de uma nova caminhada, percebe-se o uso da cor verde nas vestimentas, significando “vida e esperança”.

Fonte: Disponível em:

<<https://franciscanos.org.br/noticias/parouquia-sao-joao-batista-acolhe-seu-novo-paroco.html#gsc.tab=0>>. Acesso em: 17 maio 2022.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS DORES, PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ |

Localizada logo ao entrar no interior da igreja, ao lado direito está uma sala com três imagens bastante simbólicas em relação ao morrer. Jesus Cristo carregando a cruz, mostrando cansaço e com a expressão de sofrimento exposta em seu semblante. Suas vestes em tons escuros colaboram para um sentimento de tristeza. Enfim, Ele carrega a cruz, objeto de seu martírio e símbolo de nossa salvação. O próprio Jesus Cristo já morto e sem as vestes, sendo visível seu sangue nos lugares onde foi perfurado ao ser pregado na cruz. Nossa Senhora das Dores, nome recebido em referência ao momento de sofrimento que passa ao ver seu Filho sendo crucificado e morto. A igreja católica ao utilizar as imagens tem o objetivo de lembrar as pessoas ali representadas, suas histórias e importância para a fé cristã.

Fonte: Foto de Leandro Velasques Lima. Acervo do autor.



PORTA DE ENTRADA DA CAPELA MORTUÁRIA, PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ |

Localizada em terreno que fica aos fundos da igreja, onde outrora havia o cemitério, esta capela é um espaço funerário bastante simbólico e chama atenção até dos pedestres que passam pela frente do local. A cor azul celeste na parede da frente é impactante e faz lembrar o céu acolhendo os que ali têm seus restos mortais guardados. Uma grande cruz que é o símbolo da salvação, localizada na porta de entrada da capela, atrai logo a atenção do visitante. Embora seja toda de ferro, a porta passa sensação de leveza e bem estar, visto ser toda dividida em espaços ornamentados com linhas curvas formando desenhos. Os desenhos da porta são todos vazados, como que convidasse o olhar ao seu interior. O arco na parte superior da porta já é como um convite ao envolvimento com o espaço. A cruz na porta transmite a sensação de que os restos mortais que ali repousam, já estão em espírito ao lado do Pai.

Fonte: Foto de Leandro Velasques Lima. Acervo do autor.



INTERIOR DA CAPELA MORTUÁRIA, PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA, SÃO JOÃO DE MERITI, RJ |

Espaço elitizado que não atende a toda a comunidade católica de São João de Meriti. Apresenta limitações de uso, devido ao seu espaço físico. No seu interior são praticados enterramentos como também existe também um ossuário. O ossuário em particular é um espaço simbólico que enaltece a memória de quem tem o privilégio de ali guardar seus ossos. Em todos existem referências aos ocupantes, que são: famílias tradicionais da cidade e membros atuantes na atividade da evangelização. A cor azul na parede frontal externa é como se fosse à porta do céu e o interior com o chão na cor cinza e o túmulo na cor preta, não chegam a transmitir sentimentos de tristeza, visto serem abraçados pelas paredes laterais na cor branca, onde estão os ossuários, que se torna um lugar aprazível, pela presença de muitas flores lembrando o desabrochar para uma nova vida. Também atrai nosso olhar à imagem de uma cruz com o Cristo crucificado e outra sem a imagem de Cristo, indicando a vitória da vida sobre a morte.

Fonte: Foto de Leandro Velasques Lima. Acervo do autor.



ARTE MURAL FÚNEBRE - OBRA DO ARTISTA CAZÉ | Painel comemorativo a João Cândido, marinheiro que liderou o movimento pelo fim dos castigos aplicados aos marinheiros. O artista Cazé pintou no muro da casa onde João Cândido morou, alguns momentos da Revolta da Chibata (1910). Nas imagens vemos representações em quadros: um marinheiro sendo castigado, o momento da revolta, o navio em um mar de sangue, a leitura da carta pondo fim às chibatadas e a imagem do marinheiro João Cândido, o “Almirante Negro”. A pintura é uma obra fúnebre localizada em local acessível à população, por ser local de passagem, que mostra o reconhecimento pela dignidade, caráter e perseverança do personagem e com certeza traduz a redenção e celebra sua memória.

Fonte: Disponível em:
<<https://www.portalc3.net/arte-urbana-homenageia-joao-candido-o-almirante-negro/>>.
Acesso em: 14 mar. 2022.



LOCAL QUE ABRIGARÁ O MUSEU JOÃO CÂNDIDO, EM SÃO JOÃO DE MERITI, RJ | Estas ruínas históricas são da residência de um embaixador de Portugal aqui no Brasil no início do século XX. Estão localizadas no Morro do Imperador, em São João de Meriti. Infelizmente o local foi abandonado por muito tempo e só agora lideranças comunitárias e governamentais, iniciaram as obras para que o local acolha o Museu João Cândido. O principal objetivo é a integração da sociedade local com a história da cidade, não permitindo que a memória de João Cândido e do Morro do Imperador se percam. O museu será uma arquitetura fúnebre, pois contará toda a história do “Almirante Negro”, através de objetos, cartas, documentos, relatos da família. Com certeza abrigará um grande acervo.

Fonte: Disponível em:
<<https://meriti.rj.gov.br/home/wp-content/uploads/2020/09/Museu-4-e1601057425708.jpeg>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

É com prazer e imensa satisfação que reconheço a importância das leituras e reflexões que me acompanharam na realização da pesquisa, pois as mesmas se transformaram em alicerce e em muito me auxiliaram a formar uma posição mais consistente em relação a questões que envolvem o viver e o morrer. Questões que me acompanham como interrogações já há algum tempo e que pude perceber e me situar de modo mais esclarecedor, com o olhar de historiadora da arte. Percebo com mais clareza e entendimento às simbologias fúnebres contidas em paisagens, monumentos e objetos, coisas que embora estivessem visíveis, muitas vezes passavam despercebidas ao olhar. É muito bom estar envolvida e experimentar através de diferentes pontos de vista, o sentimento que envolve o luto, as formas visuais que este assume, as várias leituras sobre o mesmo, além de sentir pulsante o desejo de trilhar os caminhos que percorrem as temáticas fúnebres, suas relações com os símbolos e as representações da finitude humana no ambiente urbano.

A maneira como a paisagem urbana se apropria dos monumentos fúnebres e os incorpora à arquitetura da cidade, proporciona um amplo campo de estudo para a arte e cultura visual. Os objetos, as pessoas, os seres que formam a natureza, a malha urbana das cidades, os lugares pré-estabelecidos para acolher os corpos já sem vida, enfim tudo o que nos cerca e envolve o viver, tem seu tempo de vida e está diretamente relacionado ao morrer. Acompanhando o viver, a morte se faz presente a cada instante, e um dia sucumbirá à vida, representando o fim de uma existência, de uma vida biológica, de uma imagem idealizada e construída, daí a necessidade de marcas visíveis do que não existe mais fisicamente.

Transitando por estes espaços reflexivos, percebo clamar a necessidade de dar visibilidade aos anseios e as crenças sobre a finitude da vida. Em resposta a estas necessidades surgem então os espaços, os monumentos e os ritos fúnebres que mostram as celebrações, concretizando a redenção e idealizando o porvir, não deixando que memórias sejam apagadas e dando representatividade à morte, que é uma constante em nossa vida. Assim, a história da arte transita por estes espaços, analisando e dando visibilidade a finitude da vida através de formas e de apropriações, que absorvem locais, manifestações, representações e arquiteturas fúnebres, onde os túmulos, sepulcros, capelas, esculturas, paisagens, constituem imagens que apresentam a morte de uma forma acolhedora, acessível, admirável, poética, e não sendo vista como algo indesejável, asqueroso e amedrontador. São infinitas criações artísticas, projetos arquitetônicos embelezando locais e dando sentido ao morrer.

Refletindo sobre estas questões, meu olhar volta-se para a fragilidade da vida, porém vendo a morte é um processo natural e esperado. A vida torna-se longa quando o passado, recuperando memórias, o presente sendo desfrutado e o futuro sendo antecipado, são reunidos em um só momento (SÊNECA, 2006, p. 17). Lembrando a expressão “a arte de viver”, percebo também que existe “a arte de morrer”, a qual paradoxalmente revela uma arte de viver, visto que os monumentos e locais fúnebres, os túmulos e os espaços físicos destinados aos sepultamentos, retratam um pouco da história de vida do ser ali está lembrado. No modo de conduzir a vida e nas crenças perante a morte, o ser humano se apropria dos símbolos e manifesta o que a vida e o porvir têm de mais fundamental. A partir dessas crenças, a arte se apropria de inúmeros meios e torna-se visível, criativa e questionadora, manifestando-se através de processos artísticos fúnebres, que envolvem lugares, objetos e celebrações no ambiente urbano.

A morte nos acompanha como uma sombra, uma companheira incógnita e contínua, porém que muitas vezes passa despercebida, daí a necessidade de dar formas às representações da mesma. Tanto no plano espiritual, quanto no plano material, os lugares relacionados ao morrer se refletem em imagens visuais de uma beleza infinita e inquestionável. A imagem da morte se torna agradável ao nosso olhar, tornando-se o morrer algo perceptível, palpável e estudado por muitos campos de estudo, estando entre eles à história da arte, que absorve suas imagens, fazendo leituras e releituras e analisando a historicidade artística e arquitetônica dos mesmos. A história da arte de maneira bastante eficaz transita por este campo de estudo, daí as representações

fúnebres adquirem significado, principalmente pelo aspecto formal, o qual carrega uma história, a história da arte, da crença, do tempo em que foi concebida, a história da vida e da morte.

Embora muitas vezes vista como tenebrosa, a morte motiva a vida, instiga o espírito de luta e faz emergir o espírito artístico que se mostra na representação de uma maravilhosa arquitetura e arte fúnebre, as quais se transformam em lugares de acolhimentos e objetos de prazer para os vivos.

Assim, vemos que a morte precisa acontecer, para desencadear processos tão criativos e admiráveis, pois ela evoca uma harmonia sublime, a qual abraça todos os seres vivos. As representações fúnebres são poéticas, mostram naturalismo e organicidade através das ordens que regem a vida, estando conectadas em dois pilares, que são a natureza ditada pelo Eterno e a cultura ditada pela produção humana. Isso move o mundo e o homem, estando sua vida e morte inseridas em ambas.

7. REFERÊNCIAS.

AGENCIA ESTADO. Almirante Negro ganha monumento hoje no Rio. 20 nov. 2008. Disponível em: <<https://atarde.com.br/politica/almirante-negro-ganha-monumento-hoje-no-rio-120434>> Acesso em: 10 mar. 2022.

BARTHES, R. **Diário de Luto: 26 de outubro 1977 - 15 de setembro de 1979**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

DIAS, M. G. Resumo e Comentário: A história da Morte no Ocidente. **Web Artigos**, 19 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/resumo-e-comentario-a-historia-da-morte-no-ocidente-mirna-galesco/57245>> Acesso em: 29 abr. 2022.

FARIAS, M. Conheça a história do antigo cemitério de São João Batista, que ficava atrás da Igreja Matriz. **O Município**, 20 maio 2019. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/antigo-cemiterio-de-sao-joao-batista-ficava-atras-da-igreja-matriz/>> Acesso em: 04 abr. 2022.

FERREIRA, J. M. S. **Arquitetura para a morte: A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitetura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

FERREIRA, L. Cemitério Israelita de Vila Rosali. *Cultura Hebraica*, 23 out 2019. Disponível em: <<http://culturahebraica.blogspot.com/2019/10/cemiterio-israelita-de-vila-rosali-rj.html>> Acesso em: 04 abr. 2022.

FREITAS, R. P. de. Nem na calçada, nem na praça: Escritas da história: Ver-Sentir-Narrar. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural, 2012, Teresina. Universidade Federal do Piauí, 2012. P. 1-10.

LAUWERS, M. **O Nascimento do cemitério: Lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2015.

MIGLIORI, A. **Vestes e cores litúrgicas: história, simbolismo e espiritualidade**. São Paulo: Lura Editorial, 2016. 87 p., 21 cm. ISBN 978-85-5849-009-2.

NASCIMENTO, R. C. de S. As exéquias fúnebres do Mosteiro da Batalha. **Mirabilia**, n. 16, p. 249-259, jan. 2013. ISSN 1676-5818.

OPERA MUNDI. Estátua de Gandhi é removida de universidade em Gana após líder indiano ser acusado de racismo, 14 dez. 2018. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/sociedade/54279/estatua-de-gandhi-e-removida-de-universidade-em-gana-apos-lider-indiano-ser-acusado-de-racismo>> Acesso em: 10 nov. 2021.

POGGIO, G.. Inaugurada estátua de João Cândido na Praça XV. *Poder Naval*, 21 nov. 2008. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2008/11/21/inaugurada-estatua-de-joao-candido-na-praca-xv/>> Acesso em: 10 mar. 2022.

ROITBERG, J. História do Cemitério Israelita de Vila Rosali. *ROITBLOG*, 16 jul.2015. Disponível em: <<http://roitblog.blogspot.com/2015/07/historia-do-cemiterio-israelita-da-vila.html>> Acesso em: 04 abr. 2022.

SCHMITT, J-C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Maria Lúcia Machado (tradutora). 328 p. 21 cm. ISBN-10 8571648883 &ISBN-13 978-8571648883.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

SCHUMACHER, B. N. **Confrontos com a morte: A filosofia contemporânea e a questão da morte**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. ISBN 978-85-15-03684-4

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. L&pm Editores, 2006. William Li (tradutor). ISBN: 9788525415127

SILVA, J. C. V. da, Mosteiro de Santa Maria da Vitória - a fundação, o programa, os arquitectos, as fontes de influência. **Revista de História da Arte**, Lisboa, n. 4, 2007, p. 335-353. ISSN 1646-1762.

SILVA, J. C. V. & REDOL, P. **Mosteiro da Batalha**. Lisboa: Instituto Português do Patrimônio Arquitetónico (IPPAR) & Scalla Publishers, 2007. 128 p., 27,5 cm. ISBN-10 1-85759-493-2 & ISBN-13 978-1-85759-493-5.

Figuras

SILVA, B. de L. L. **Mosteiro de Santa Maria da Vitória** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Capela do Fundador** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Capelas Imperfeitas** (Fotografia). 2017.

ALMA DE VIAJANTE. **Entrada para a Casa do Capítulo** (fotografia). Disponível em: <<https://www.almadeviajante.com/mosteiro-da-batalha/>>. Acesso em: 06 out. 2021.

SILVA, B. de L. L. **Interior da Sala do Capítulo** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Vitral tríptico as Sala do Capítulo** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Túmulo do soldado desconhecido** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Túmulo do arquiteto Mateus Fernandes** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Abóboda estrelada da Capela do Fundador** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Arca tumular dos fundadores** (Fotografia). 2017.

CAMPOS, A. L. **Jacente de D. João I e D.^a Filipa de Lencastre** (fotografia). 2018. Disponível em: <<https://nationalgeographic.pt/historia/grandes-reportagens/1744-a-cor-da-capela-do-fundador>>. Acesso em: 15 maio 2022.

SILVA, B. de L. L. **Detalhe da imagem 11** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Túmulos de outros membros da linhagem de D. João I** (Fotografia). 2017.

SILVA, B. de L. L. **Arca tumular de D. Duarte e D.^a Leonor de Aragão** (Fotografia). 2017.

TURISMO EN PORTUGAL. **Pórtico de acesso às Capelas Imperfeitas** (fotografia). Altura: 2,047 pixels. Largura: 1,223 pixels. 786 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nas_Capelas_Imperfeitas,_Mosteiro_da_Batalha_\(16868772148\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nas_Capelas_Imperfeitas,_Mosteiro_da_Batalha_(16868772148).jpg)>. Acesso em: 06 out. 2021.